

Sónia de Jesus Martins Gomes



**Análise das Interacções Verbais na Sala de
Aula de História e Geografia.**

**Um Estudo de Caso na Escola Secundária Inês de Castro no
Âmbito da Formação Inicial de Professores**

**Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia do
3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2010

Sónia de Jesus Martins Gomes



Análise das Interacções Verbais na Sala de Aula de História e Geografia.

**Um Estudo de Caso na Escola Secundária Inês de Castro no
Âmbito da Formação Inicial de Professores**

**Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia do
3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário**

Orientadores:

- Professora Dr.^a Felisbela Martins
- Professor Dr. Luís Alberto Alves

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2010

Resumo: A comunicação na sala de aula e as interações verbais entre professor e aluno e entre alunos é fundamental e indispensável para o processo de ensino-aprendizagem.

Esta investigação pretende analisar os vários episódios ocorridos na sala de aula de História e Geografia na Escola Secundária Inês de Castro, em Canidelo, Vila Nova de Gaia, no ano lectivo de 2009/2010. Trata-se, portanto, de um trabalho académico, espelhando um caso analisado no contexto da prática docente.

A investigação esclarece os aspectos metodológicos subjacentes e alguns aspectos teóricos que a sustentam. São ainda caracterizados os sujeitos da investigação e os métodos utilizados. No final, após a análise dos resultados, apresentam-se algumas reflexões que podem ajudar a melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras – Chave: Comunicação na sala de aula; interacção verbal; didáctica; História; Geografia

Abstract: Communication in classroom and the verbal interactions between teacher and student and among students is fundamental and indispensable to the process of teaching and learning.

This research aims to analyze the various episodes that occurred in the classroom of History and Geography in the Secondary School Inês de Castro in Canidelo, Vila Nova de Gaia, during the academic year 2009/2010. It is therefore an academic work, mirroring a case analyzed in the context of teaching practice.

Research clarifies methodological issues underlying and theoretical aspects that sustain it. They are also characterized the research subjects and methods used. In the end, after analyzing the results, we present some thoughts that may help improve the teaching-learning process.

Key - words: Communication in the classroom verbal interaction, educational, History, Geography

Agradecimentos

Embora trate-se de um trabalho académico e individual, há apoios e contributos de natureza diversa que não podem ser esquecidos.

Começo por agradecer a toda a minha família, com destaque para os meus pais e a minha irmã pelo apoio, carinho e compreensão que tiveram comigo nos vários momentos da minha vida.

Agradeço ao meu adorável namorado, Eurico, pelo amor, carinho, paciência, compreensão e acima de tudo pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis. Foram muitas vezes essas palavras de incentivo que me permitiram continuar. Têm sido anos fantásticos! Obrigada por tudo!

Aos amigos de sempre, Cris, Betinha, Susana, muito obrigado e a todos aqueles que durante a minha vida me apoiaram e incentivaram a continuar. Obrigada!

Agradeço às orientadoras cooperantes da ESIC, Professora Alcina Ramos e Professora Conceição Abreu. Obrigada pela partilha de experiencias, pelo acompanhamento, pela ajuda, e acima de tudo obrigada pelas palavras de incentivo nos momentos de desanimo.

O meu obrigado aos meus meninos da ESIC. Para sempre ficarão no meu coração.

A toda a comunidade docente e não docente da ESIC por tão bem me ter recebido na escola. Aí senti-me uma professora integrada e que fazia parte da família. Obrigada!

Obrigada aos supervisores da FLUP, Professora Doutora Felisbela Martins e Professora Doutora Olga Lima, pelas palavras de incentivo que me permitiram evoluir durante o estágio.

Aos vários professores da FLUP, que durante a Licenciatura e o Mestrado, tive o prazer de estar. A eles o meu obrigado pela partilha de conhecimentos e aprendizagens e pela orientação.

Agradeço ainda aos orientadores deste trabalho: Professora Doutora Felisbela Martins e Professor Doutor Luís Alberto Alves, pela disponibilidade, pelas correcções e sugestões. Muito Obrigado!

Índice

Introdução -----	7
Capítulo I -----	9
1.1. A Problemática-----	10
Capítulo II -----	11
2.1. Definição de Comunicação -----	12
2.2. As Diferentes Formas de Comunicar-----	15
2.3. Ensinar e Comunicar -----	21
Capítulo III -----	34
3.1. Sujeitos da Investigação -----	35
3.2. Metodologia -----	39
Capítulo IV -----	47
4.1. Análise dos Resultados -----	48
Considerações Finais -----	64
Bibliografia -----	70
Bibliografia Electrónica -----	72
Anexos: Tabelas do Registo de Dados da Observação das Interacções Verbais -----	73

Introdução

A escola tem passado ao longo dos últimos anos por sucessivas mudanças as quais têm originado alterações em termos da dinâmica da sala de aula. O professor deixou de ser visto como o detentor do saber, como aquele que ensina, e passou a ser considerado como alguém que ajuda a aprender.

Ao professor são exigidas competências, não só técnicas como comunicacionais, com vista a um melhor relacionamento com os alunos. É fundamental que o professor tenha o maior número de instrumentos possíveis que o ajudem a lidar com situações difíceis dentro do contexto escolar, ao mesmo tempo que aumentam a sua autoconfiança e a sua eficácia em termos profissionais.

A comunicação na sala de aula é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o aluno aprende quando dialoga com o professor ou com os seus colegas, o aluno está a ouvir o professor, intervém, participa, esclarece dúvidas e expõe os seus conhecimentos e dúvidas e desta forma está a aprender e a construir o seu próprio conhecimento.

A escolha deste tema advém do facto de, nesta primeira experiência a leccionar, ter notado algumas dificuldades e falhas na comunicação na sala de aula e na interacção com os alunos.

Numa primeira parte, este trabalho faz uma breve apresentação da problemática, ou seja, são esclarecidos os objectivos do trabalho e as hipóteses que se pretenderam ver testadas.

Numa segunda parte, apresento os resultados das várias leituras sobre a temática. Não sendo um tema novo nem recente muito há a dizer sobre o tema comunicação na sala de aula. Esta segunda fase do trabalho pretende, ainda que de forma muito breve,

apontar o estado da arte em relação à comunicação na sala de aula e às interacções verbais em contexto educativo.

Após as leituras efectuadas e o registo dos aspectos teóricos mais significativos, numa terceira fase, apresento os sujeitos da investigação e a metodologia utilizada durante a execução da investigação.

Numa quarta fase, apresentarei os resultados da minha investigação, trata-se do capítulo de análise dos resultados obtidos.

Após a análise dos resultados são esboçadas as conclusões da investigação efectuada. Será ainda discriminada a bibliografia utilizada na realização deste trabalho e ainda os anexos.

Capítulo I

Problemática

1.1. A Problemática

A escolha pela problemática - a comunicação na sala de aula - está relacionada com a prática docente durante o estágio. Comunicar e interagir com os alunos, foi no início do estágio o problema que tive de corrigir e melhorar.

Sabendo desta minha limitação e de forma a poder melhorar ao nível da interacção verbal, optei por realizar a minha investigação sobre a temática comunicação na sala de aula e fundamentalmente nos episódios que podem ocorrer na sala de aula. Para além da análise das interacções verbais na sala de aula, pretendo, com esta pequena investigação, perceber até que ponto a comunicação é importante na aprendizagem dos alunos e quais os tipos de episódios que deveremos privilegiar na sala de aula.

Sabendo que existem três tipos de episódios, indutores, mediadores e adaptadores, o objectivo deste trabalho é perceber quais os episódios que prevalecem nas aulas de História e Geografia. Desta forma a hipótese que levanto é se nas aulas de História e Geografia predominam os episódios mediadores.

Antes de analisar os resultados obtidos durante a minha investigação, serão apresentados alguns aspectos importantes para a problemática, ou seja, o estado da arte em relação à comunicação na sala de aula e às interacções verbais.

Numa segunda fase, o trabalho apresenta uma breve caracterização dos sujeitos da pesquisa, a metodologia de investigação e as conclusões dos resultados obtidos.

No capítulo das considerações finais será apresentando breves reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem e algumas indicações para melhorar esse mesmo processo.

Capitulo II

Enquadramento

Teórico

2.1. Definição de Comunicação

Comunicação é um conceito muito vasto e complexo que pode englobar quer as interacções verbais, quer as interacções não-verbais, logo comunicação pode ser entendida como um processo pelo qual se efectua a troca de informação entre várias pessoas.

Citando alguns autores, para SANTOS, citado por ANTÃO (2001:7), a comunicação é o “processo pelo qual um emissor se relaciona com um receptor através de uma mensagem transmitida em código por um canal”, já J. Rosnay, citado por ANTÃO (2001:7), considera que “a comunicação é uma circulação e uma troca de informações numa rede que liga receptores e emissores”.

Analisando a comunicação humana, podemos indicar quatro fases que caracterizam a utilização de novas formas de comunicação que transformam a sociedade e que constituem um novo tipo de comunicação.

A primeira fase da comunicação é a fase da “exteriorização”, onde só a comunicação inter-pessoal é possível. Esta fase iniciou-se no período do homo sapiens, quando o homem aprendeu a exteriorizar as suas ideias, desejos e necessidades através do gesto.

A segunda fase, designada de “transposição” é composta por uma comunicação de elite, em que o homem vai transpondo o seu pensamento e os objectos do mundo, através de esquemas, desenhos, música e finalmente através da escrita fonética. Nesta fase a linguagem passa a dispensar o gesto e o homem começa a poder comunicar à distância.

A terceira fase, designada como a fase da comunicação de massa é criada com a formação dos mass media e trata-se de uma

comunicação que consiste numa multiplicação das mensagens, o homem passa a ver multiplicadas as suas obras.

A última fase, a fase da comunicação individual, possibilita a gravação de sons e de imagens, fornecendo ao homem novas linguagens e novos media, os self-media.

O conceito de comunicação está associado a alguns elementos pertencentes ao conceito de cibernética: Emissor, Receptor, Código, Mensagem, Canal, De(s)codificação, Feedback. Seguindo esta terminologia ao emissor cabe a função de codificação da mensagem, já o receptor deve descodificar essa mensagem. Na sala de aula, poder-se-á afirmar que o Emissor é quem diz, a Mensagem é aquilo que se transmite e o Receptor é a quem se diz, quem ouve.

Tal como no nosso dia-a-dia, a comunicação é igualmente importante e fundamental na sala de aula. Neste caso, o emissor e o receptor vão alternando, o emissor e receptor tanto pode ser o professor como os alunos. Este tipo de alternância caracteriza o diálogo que deverá acontecer na sala de aula, contudo é muito difícil de ser conseguido.

O professor enquanto Emissor não deve apenas transmitir e transferir conhecimentos aos alunos; ensinar, deve levar os alunos a pensar, a identificar e a resolver problemas, para que estes sejam capazes de raciocinar. Deste modo o professor, enquanto emissor, deverá conduzir o aluno à problematização e ao raciocínio e nunca à absorção passiva das ideias e informações transmitidas. Se o objectivo é que o aluno problematize o que o professor transmitiu é necessário que a comunicação na sala de aula se faça nos dois sentidos. A meta do ensino-aprendizagem é alcançada quando o emissor, o professor, passa a receptor e quando o receptor, o aluno, passa a emissor e isto pressupõe uma nova relação entre o professor e o aluno.

Esta nova relação entre o professor-aluno tem vindo a sofrer várias alterações. Para que o aluno passe de um mero receptor de conhecimento para emissor, cabe ao professor proporcionar este tipo de diálogo na sala de aula, mas é-lhe exigido igualmente a procura de novas estratégias e recursos que possibilitam esta nova relação e que facilite igualmente as aprendizagens na sala de aula.

2.2. As Diferentes Formas de Comunicar

A sala de aula é o espaço onde o professor e os alunos passam a maior parte do seu tempo e é neste local que interagem, logo é importante que professor e aluno criem uma relação. Sprinthall e Sprinthall, citado por VIEIRA (2000:39), referem que a relação interpessoal entre professor e aluno é importante e tem muito impacto nas interações na sala de aula e nas aprendizagens dos próprios aprendentes.

É normal que os alunos nos primeiros contactos com o professor, “testem” o docente, de forma a conseguirem perceber até onde podem ir e qual o limite do professor; tal como o aluno, os professores também “testam” os seus alunos e conseguem ter a percepção até onde podem ir com determinado aluno. Desta forma professor e aluno vão-se conhecendo, o que permite estabelecerem uma relação interpessoal, que vai facilitar as interações na sala de aula.

Destas interações verbais entre professor e aluno, surgem também situações que exigem ao professor uma resposta imediata e adequada, contudo o professor nem sempre é capaz de responder desta forma, o que leva por vezes a utilizar gestos e palavras menos eficazes. Neste caso estamos a falar de atitudes comunicacionais.

De acordo com VIEIRA (2000:41-61), podemos falar, no âmbito das atitudes comunicacionais de quatro papéis diferentes: agressivo, passivo, manipulador e assertivo. Nas salas de aulas encontramos professores e alunos bem diferentes e com características e estilos diversos ao nível da comunicação. Estes comportamentos são influenciados, quer pelas várias situações no contexto de sala de aula, mas também através das atitudes comunicacionais do aluno e do professor.

Caracterizando cada um dos papéis apresentados pela autora em relação às atitudes comunicacionais, podemos falar então de professores e alunos agressivos, passivos e manipuladores. A autora fala-nos ainda de um tipo de comportamento que parece ser o mais acertado em contexto de sala de aula, a assertividade.

Começando pela agressividade, uma pessoa agressiva é alguém que defende os seus direitos, sem nunca valorizar os dos outros e ainda viola os direitos dos outros. A atitude agressiva é acompanhada de manifestações comportamentais, quer verbais, quer não-verbais, como por exemplo: falar alto; interromper constantemente o discurso do outro; apontar o dedo; rosto tenso; dar murros na mesa, entre outros. Este tipo de pessoa demonstra dificuldade em escutar os outros, o que leva à impossibilidade de ocorrer um diálogo.

Na sala de aula, muitas vezes o professor não toma consciência que fala alto, com um ritmo acelerado e que dá poucas oportunidades de o aluno se exprimir, cortando muitas vezes o discurso dos alunos. Contudo um professor considerado agressivo apresenta várias nuances, desde as manifestações verbais e comportamentos até ao tratamento muito diferenciado dos alunos, passando muitas vezes pela intolerância e o autoritarismo.

Este tipo de comportamento gera muitas vezes um ambiente na sala de aula tenso para ambos os intervenientes. Logo o professor não deverá ser demasiado tolerante, mas também não deve adoptar uma postura intolerante, visto que este tipo de atitude pode afectar o comportamento do aluno.

Tal como existem professores com comportamentos agressivos, temos também alunos com comportamentos semelhantes. Neste caso, um aluno agressivo apresenta um comportamento verbal e não-verbal provocador, é um tipo de aluno que está constantemente a pôr à prova o professor e a sua autoridade. Muitas vezes este tipo

de comportamento não é dirigido ao professor, mas sim para aquilo que ele representa, a autoridade.

Diante de um aluno com este tipo de atitude, o professor não deve tomar o mesmo tipo de comportamento, o agressivo. Sem levantar a voz o docente, deverá mostrar ao discente, a sua desaprovação pelo comportamento, sem nunca o humilhar ou atacar verbalmente.

Para além do professor e aluno agressivo, temos também o professor e aluno passivo. Uma pessoa passiva demonstra atitudes de fuga, comportamentos de evitamento de forma a afastar-se de situações que considere perigosas. Este tipo de pessoa, considera as necessidades e direitos dos outros mais importantes que os seus e tende a atribuir a si próprio características insignificantes. Uma pessoa passiva tem dificuldades em afirmar-se, o que representa algumas consequências ao nível do bem-estar físico e psicológico.

Na escola encontramos professores e alunos que apresentam um comportamento de passividade. O professor passivo é demasiado tolerante, permissivo e com dificuldades em se fazer ouvir. Se os seus alunos forem agitados e notarem estes pontos do professor, as consequências serão devastadoras, o barulho aumentará, a aprendizagem será menor e o professor sofrerá um forte desgaste físico e psicológico.

Poder-se-ia pensar que este tipo de professor seria do agrado do aluno, contudo os alunos não gostam de professores passivos, visto que este tipo de professor não consegue impor a sua autoridade e não consegue gerir a turma. Pode até apresentar muitos conhecimentos e ser extremamente competente, contudo não consegue impor o respeito, nem exprimir as suas ideias.

Tal como temos professores passivos, temos também alunos que revelam comportamentos de passividade. Neste caso o aluno

demonstra uma falta de iniciativa, revela dificuldades em se exprimir e apresenta uma forte sensibilidade à crítica. Os alunos passivos são extremamente ansiosos e normalmente têm uma atitude de deixar para mais tarde o que têm de fazer.

Devido a todos estes comportamentos e pela falta de motivação, quer pelo professor, pela escola ou até pela família, este tipo de aluno necessita de ser constantemente estimulado. É fundamental que no aluno passivo sejam valorizados todas as actividades que desempenham, para que lhe transmita a mensagem de que são capazes, favorecendo, igualmente, a sua auto-estima.

Na escola temos também outro tipo de professor e aluno, que revelam um comportamento de manipulação. Uma pessoa manipuladora é uma pessoa inteligente que apresenta raciocínios sofisticados. Revela um comportamento de sedução, desvalorização, dissimulação e insinuação.

O professor manipulador tenta influenciar os seus alunos, de forma a atingir um determinado objectivo, utilizando muitas dos comportamentos referidos anteriormente.

Já um aluno manipulador apresenta um discurso sedutor, de forma a sair de situações complicadas. O aluno manipulador é aquele que procura, por todos os meios, dar a volta ao professor. O aluno manipulador utiliza muitas vezes expressões como "eu gostava muito de ter feito o trabalho, mas não percebi o que é que o professor queria" (VIEIRA, 2000:48).

Todos estes estilos de comunicação podem criar situações desconfortáveis e relacionamentos conflituosos, visto que os comportamentos manipuladores, passivos e agressivos, não são comportamentos saudáveis para a comunicação, principalmente a comunicação na sala de aula.

Se nenhum destes comportamentos é desejável e deve ser evitado, impõe-se a questão: que comportamento permite uma comunicação eficaz? Helena Vieira refere-se à assertividade.

Em termos comunicacionais, uma pessoa assertiva é alguém que diz aquilo que pensa ou sente de uma forma livre e apropriada à situação. O conceito de assertividade pressupõe que todos temos direitos e como tal devemos respeitar-nos. Deste modo, ao sermos assertivos, somos capazes de exprimir as nossas ideias, opiniões, pontos de vista, mas também os nossos gostos, sentimentos, necessidades e vontades.

Em situações de conflito, a atitude assertiva permite entrar num processo de negociações cuja principal estratégia é ganhar ambos os lados. Com este tipo de comportamento promovemos a confiança e a igualdade entre pessoas, conseguindo chegar a um entendimento mútuo, sem ser necessário que ninguém renuncie aos seus direitos.

A expressão dos sentimentos é uma das formas de se comunicar assertivamente, a livre expressão das emoções é um dos aspectos a ter em consideração quando se fala de comunicação assertiva. Logo, saber exprimir de forma honesta e adequada às diferentes situações do quotidiano é uma das tarefas da comunicação assertiva.

Contudo, a assertividade não está presente apenas na expressão dos sentimentos. Ser assertivo significa igualmente adoptar uma linguagem corporal diferente, é necessário que entre os interlocutores exista um equilíbrio em termos físicos. O que se pretende é que os interlocutores estejam sintonizados em termos físicos.

Um outro aspecto a considerar é o olhar, ou seja, para comunicar de forma assertiva é necessário que se mantenha o

contacto ocular com o interlocutor, de forma natural e sem qualquer tipo de esforço ou rigidez.

Comunicar com assertividade implica a utilização de um discurso coerente com a postura, o tom de voz, os gestos. Se assim não for, não falamos de uma atitude assertiva.

Contudo, a atitude assertiva não é a “receita para todos os males”, ou seja, adoptar um comportamento assertivo não resolve todas as situações conflituosas, visto que existem situações em que nem sempre o discurso assertivo é possível. Assim de forma a conseguir uma gestão eficaz da sala de aula, o professor deve seguir dois princípios básicos: exhibir confiança e exercer influência.

Um professor que se sinta seguro tem a capacidade de transmitir segurança aos seus alunos e a comunicação na sala de aula é assim eficaz. Por outro lado, o docente que consiga exercer influência nos seus alunos consegue alcançar os objectivos escolares e sociais positivos.

2.3. Ensinar e Comunicar

O acto de ensinar, passou da simples transmissão de informações para um ensino centrado no desenvolvimento de competências. No passado o conhecimento apresentava-se fragmentado e dividido entre as disciplinas, agora a transmissão de conhecimentos é articulada, com a valorização da construção de conceitos. Passamos para um ensino que se encontra mais organizado e que permite a transdisciplinaridade, isto é, com a troca de conhecimentos, por exemplo, muitas vezes os fenómenos geográficos permitem explicar alguns acontecimentos históricos e vice-versa.

As finalidades alteraram-se, contudo o acto de ensinar continua a desenvolver-se entre o professor e os alunos na sala de aula através de um discurso pedagógico. Desta forma afirma-se que o ensino utiliza a comunicação verbal, o diálogo como meio para promover e favorecer o sucesso das aprendizagens.

Ensinar não deve ser apenas transmitir aos alunos os conteúdos, deve sim ser um acto comunicativo, que deve basear-se num diálogo que leve os alunos a adquirir saberes e a desenvolver competências. Na sala de aula o professor não deve apenas informar os alunos sobre determinada temática, ou seja, não deve entrar na sala de aula e ser ele apenas a falar, com o objectivo de informar os alunos sobre o tema estudo. Deve ter o cuidado de dialogar com os alunos, deixar que estes transmitam aquilo que possam saber sobre determinado assunto, permitindo que o aluno tenha na sala de aula um papel activo e participativo no diálogo. Segundo FERRY citado por ALTET (2000:13-14), “o ofício do professor é uma prática relacional; a transmissão do saber faz-se na e pela relação estabelecida entre professor e alunos” e “ensinar é, antes de tudo, estabelecer uma

comunicação com os alunos, fazer passar uma mensagem de tal forma que esta seja recebida pelos alunos em condições em que eles possam apropriar-se dela, integrá-la no seu universo mental e utilizá-la”.

O ensino deve ser abordado na sua articulação com a aprendizagem em termos de interacções e sobre a circulação da informação entre o professor e os alunos. O processo de ensino-aprendizagem deverá ser definido como um processo interactivo entre quatro dimensões que se articulam numa situação. As quatro dimensões são o professor, o aluno, a comunicação e o saber. A situação em que estas quatro dimensões se articulam, é a situação do ensino-aprendizagem, ou seja, todas as dimensões articulam-se no sentido de obtermos o processo de ensino-aprendizagem eficaz e que conduzam os alunos ao sucesso.

Neste sentido a aprendizagem escolar deve ser um processo dinâmico, que implique um processo de comunicação, de interacção entre professor-aluno, de retroacção e ajustamentos sucessivos. Numa aula, o acto de ensinar passa por uma variedade de acções e de actividades, em que o professor faz perguntas, aguarda as respostas, aceita-as, corrige-as, dá exemplos e demonstra, explica, dá instruções, orienta, de acordo com a finalidade que persegue.

Como já foi referido anteriormente, as aprendizagens escolares pressupõem a comunicação e as interacções verbais entre professor e aluno, já que ensinar para além de informar é também saber comunicar.

A interacção é uma troca recíproca entre participantes e, em situação pedagógica, entre professor e alunos. Segundo POSTIC citado por ALTET (2000:64), a interacção consiste numa “ reacção recíproca, verbal ou não-verbal, temporária ou repetida com determinada frequência, pelo qual o comportamento de um dos

parceiros tem uma influência sobre o comportamento do outro”. Ao analisarmos as interações é necessário ter em conta a situação em que se desenrola a interação. De acordo com CHARAUDEAU citado por ALTET (2000: 64), a análise das interações devem ser analisadas em três componentes: situacional: tem lugar num espaço determinado; comunicacional: contrato verbal entre o professor que sabe e os alunos presentes na sala de aula para aprenderem; e discursiva: finalidade do discurso.

Para a análise das interações verbais e das comunicações na sala de aula, é necessário compreender a estrutura de uma unidade do discurso, os episódios. Esta análise dos episódios será uma parte fundamental deste trabalho.

Um episódio começa por uma expressão que desencadeia uma troca verbal sobre um determinado assunto e termina quando se finaliza a discussão do assunto. Um episódio é constituído por uma ou várias interações sobre um assunto ou uma acção. Cada episódio inicia-se por uma entrada verbal e finaliza-se com indicadores verbais inidentificáveis. Todo o episódio é caracterizado por perguntas, respostas e comentários.

Podemos identificar três tipos de episódios, que permitem identificar o modo de comunicação: os episódios indutores, os episódios mediadores e os episódios adaptadores (ALTET, 2000: 66-75).

Os episódios indutores são orientados pelo professor e apresentam uma, duas ou três interações. Apresentam-se no modo discursivo, ou seja, é o professor que introduz e fecha a interação, é o docente que conduz o raciocínio. A interação tem um princípio, meio e fim, sempre conduzido pelo professor. O professor encaminha os alunos para as respostas que pretende obter e para o seu modo de raciocinar. Neste tipo de discurso, os episódios apresentam muitas

vezes uma forma repetitiva, ou seja, são sempre retomados no mesmo tipo de interacção (*idem*).

Nos episódios indutores o docente orienta, faz a questão e espera a resposta do aluno e assim põe fim à troca comunicativa. Neste caso o aluno é orientado pelo professor e responde à iniciativa do professor. O professor vai assim construindo a comunicação na sala de aula. Neste modo de comunicação as interacções são provenientes do docente e este ajusta o seu discurso ao dos seus alunos. É um tipo de comunicação de sedução-persuasão (*ibidem*). Vejamos o seguinte exemplo:

Conteúdos das interacções verbais P./A.

P. Vamos, agora, ver isto em pormenor; cada um destes 4 pontos. Peço-lhes para, num primeiro momento, observarem duas coisas. A 1ª frase é "Pourquoi es-tu allée sur la route?" 2ª frase: "Tu es allée sur la route". A primeira frase: "Pourquoi es-tu allée sur la route? É uma frase ...

A. Interrogativa

P. Interrogativa. "Tu es allée sur la route" é uma frase...

A. Afirmativa

P. Afirmativa, está certo. Então vamos tentar ver tudo o que é diferente nestas duas frases, entre a 1ª e a 2ª frase. Podem fazê-lo na folha, se quiserem pôr um círculo... ou no caderno de apontamentos ou na folha. Marquem com um círculo as coisas que são diferentes. Vá lá, volta-te para a frente (para Johann).

(breve trabalho individual dos alunos)

Já está? Não é difícil, pois não? Então, o que é que assinalaram na frase interrogativa?

O que é Anne?

A .O travessão

P. O travessão, muito bem. Qual travessão? Porque há dois travessões, mas eles não têm o mesmo nome. Então eu queria que toda a gente estivesse de acordo quanto à noção de travessão. Olhem, o travessão, a

que é que tu chamas travessão? Queres dizer o sinal gráfico que está à frente de que palavra?

(resposta inaudível)

Sim. Está bem. É um travessão. É o que se chama travessão, o travessão, sim e depois?

A. "Pourquoi"

P. "Pourquoi", que é uma palavra...?

A. Interrogativa.

O ponto de interrogação.

P. O ponto de interrogação, sim e depois também?

A. "Es-tu?"

P. "Es-tu?" Que está invertido e ao mesmo tempo aparece uma marca entre. Há uma diferença entre "tu" e "es"

A. Um travessão

P. Ah, aqui não é um travessão, é um...?

A. Um trema, não, um traço de união

P. Um traço de união, é isso mesmo. De um lado têm um travessão a seguir a "pourquoi" e traço de união entre o "es" e o "tu". Lá esta. Portanto já estão a ver as marcas específicas da interrogação: 1) um travessão, 2) uma palavra interrogativa, 3) a inversão do sujeito que por vezes leva o traço de união, 4) finalmente, um ponto de interrogação. Bom, depressa, Virgine, repete-nos isto. A interrogação, sim, as marcas. Não, sem olhar agora. Sim, tenta encontrar...

A. O travessão

P. O travessão, sim, outra marca?

A. "Pourquoi"

P. A palavra interrogativa e depois?

A. O, o... "es-tu"

P. Sim, quer dizer?

A. O inversamente

P. Não se diz inversamente, mas? A inversão do sujeito, e depois?

A. O ponto de interrogação

P. O ponto de interrogação. É a 2ª coisa que agora peço: escrevam correctamente com todas as marcas gráficas necessárias o, ah, o exercício 2.2. Estão a ver "copiem as frases seguintes aplicando os sinais convenientes." Então, vá lá. Se pensam ter espaço, e muito pequeno. É pequeno. Escrevam no caderno de apontamentos. Se pensam que não têm espaço. Se não escrevam na folha. Vá lá.

(indicador de final de episódio: P. pousa o livro na secretária e olha para a turma, pausa.)

IN: ALTET, Marguerite (2000) – *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*, Porto: Porto Editora, pág. 68-69

Os episódios mediadores, são episódios que compreendem várias interacções seguidas e variadas na sua forma. O professor solicita a participação dos alunos, estimula os seus comportamentos activos e apresenta situações-problema. O professor guia mas aceita também ser guiado pelo aluno; cada um dos intervenientes aguarda pela contribuição do outro (*ibidem*).

São episódios que apresentam um modo mais integrativo, ou seja, há uma relação maior entre professor e aluno, em que o docente tem atenção aos contributos e processos de aprendizagem dos alunos (*ibidem*).

Este tipo de comunicação é do tipo escuta-troca, em que as intervenções dos alunos são numerosas e por vezes maioritárias. Neste tipo de episódio o professor adapta-se mais ao aluno, contudo continua a existir um objectivo definido pelo docente (*ibidem*). Vejamos o seguinte exemplo:

Conteúdos das interacções verbais P./A.

P. Vá lá. Já encontraste?

A. 6. IN é fácil

P. IN é fácil então

A. 6. Bem constrói-se um quadrado. Hem?

Calem-se! Deixa-a fazer!

A. 6. De 9 cm de lado e como IN é a diagonal de um quadrado

P. IN é a diagonal de um quadrado de 9 cm de lado?

A. 6. Pois

P. Olha bem para o desenho!

A. 6. Pois, está bem

P. Onde tiras 9 cm

A. 6. Pois de 12-3

P. Quer dizer, calem-se! Quer dizer para..., calculaste ON. Passas para um cálculo intermédio... Ali tu não vês que o cálculo de BN, isso obriga-se, de IN, perdão, isso obriga-me a fazer um cálculo intermédio ON. Bom ali, tu disseste-me 9. De acordo?

E ali? François, são 12 cm e não 9. Não é um quad... não é um quad... Sim é a diagonal, é a diagonal, mas não é a diagonal de um quadrado.

A. 6. A de um rectângulo

P. É a diagonal de um eventual rectângulo. Mas sem passar pelo rectângulo, é o quê?

A. 6. Um triângulo rectângulo

P. O que é um triângulo rectângulo? Laetitia?

A. 7. ION, é INO

P. INO, é um rectângulo?

A. 7. É.

P. Então, posso calcular IN?

A. 7. Pode

P. Tenho as dimensões? Tenho duas das dimensões do triângulo rectângulo em O?

A. 7. Pois

P. Então está bem (escreve). Decompõe-se aqui. O cálculo de IN dissemos que é fácil. Sim, antes ainda falta calcular um pequeno pormenor, é o quê?

IN: ALTET, Marguerite (2000) – *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*, Porto: Porto Editora, pág. 71

Os episódios adaptadores, são episódios reguladores, contratuais, personalizados, em que o modo de ajustamento interactivo recíproco, em que cada um dos elementos participativos na comunicação reage ao outro, em que o docente tem em conta os seus objectivos e necessidades mas considera que o aluno tem estruturas de pensamento próprias, representações, gostos, perfis de aprendizagem para poder intervir e participar (*ibidem*).

Este tipo de episódio é do tipo adaptativo em que o professor é um mediador e guia, não impondo aquilo que pretende. O processo de comunicação utilizado é do tipo compreensão-adaptação em que as interacções são recíprocas. Este tipo de comunicação continua a ser minoritário no ensino português (*ibidem*). Vejamos o seguinte exemplo:

Conteúdos das interacções verbais P./A.

A. 4. Professor, faz-se por dobragem.

P. Bem, a dobragem, isso permite-nos verificar o quê?

A. 4. Bem, se esta bem.

P. Bom, vá lá, então isso permite validar o que encontraste. E estava correcto, agora estas tranquilo, sabes que tens uma solução.

A. 4. E se temos uma solução podemos construir outras.

P. Tens de, tens de, porque já falaram nisso, em encontrar pelo menos 2 ou 3 soluções!

A. 17. (Inaudível)

P. Esta bem.

A. 17. Depois, cortamos.

P. Está bem.

A. 17. Como dobramos.

P. Está bem.

A. 17. Depois, faz-se assim

P. Ah... e então?

A. 17. E ali vamos vincar

P. Sim, mas como é que tu sabes? Não é uma má ideia, como é que sabes fazer isso sem o teu bocadinho? Como é que vais poder fazer? É o que temos de ver.

A. 17. Como é...?

P. Como é que se pode obter este pequeno triangulo que vocês fizeram por recorte sem...

A. 1. Por ali.

P. Não, mas sem utilizar isso, senão já não havia mais regras do jogo. Não, temos de tentar ver como é que vão poder obter aqui mesmo resultado sem este bocadinho. Neste momento pode servir, mas...

A. 4. Se dobramos e depois tirarmos as medidas que lá estão.

A. 18. Oh, não.

A. 17. Bem, se pudéssemos saber

A. 18. Oh!, bem mas como é que achaste isso?

P. Bem, lá está! Como é que achaste este bocadinho?

A. 17. Pois bem, com a simetria.

P. Ah, sim, sim mas caímos na... não é muito claro isso.

A. 4. Se se continuar numa folha: mete-se uma folha e continua-se cada linha.

P. Mas Jacques, dissemos...

A.4. Não podemos sair das margens da folha.

P. Sem sair das margens da folha. Bem, sim, têm de ler as instruções. Bem, sim, senão isto seria muito fácil de fazer. Então, a vossa ideia não é má, mas eu creio que havia qualquer coisa a fazer com isso. De outra maneira.

A.17. Como?

P. Bem, têm de descobrir, não vos vou dar a solução. Não te vou dar a solução, mas com este bocadinho, há meios para fazer qualquer coisa.

A. 17. Ah, Jean François ah, lá está, é assim, olha! (risos)

P. Vamos, procurem, para já começaram bem.

(indicador de final de episódio. P. desloca-se para outro grupo)

IN: ALTET, Marguerite (2000) – *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*, Porto: Porto Editora, pág. 72-73

Sendo os episódios essencialmente constituídos por várias interacções frequentemente no modo interrogativo é importante referir que existem também vários tipos de perguntas.

As perguntas fechadas apelam a uma resposta única, que é esperada pelo professor e é aquela que este deseja, visto que lhe permite encadear as questões seguintes. Estas perguntas estão associadas aos conteúdos a ensinar e aos objectivos definidos pelo docente.

Neste tipo de perguntas, o aluno não tem qualquer iniciativa ou liberdade de escolha e só resta adaptar-se ao modelo preparado pelo professor. Vejamos o seguinte exemplo:

Conteúdos das interacções verbais

P. ... Outrora, elas eram como as escolas?

Alunos. Oh... mistas.

P. Havia de um lado...

Alunos. As raparigas.

P. E do outro lado?

Alunos. Os rapazes.

P. Agora rapazes e raparigas estão juntos, fala-se de escolas...

Alunos. Mistas

A. 2. Laicas

P. Laicas, não, isso é um outro problema. Escolas mistas, quer dizer, rapazes e raparigas juntos. Dantes estavam separados.

P. A que é que chamamos sentimentos? Dêem-me exemplos de sentimentos?

A. 13. O que se sente.

P. Sim, então um sentimento de ... Anne?...

A. De tristeza.

P. De tristeza. Um sentimento de...

A. 14. Vergonha.

P. Um sentimento de vergonha.

A. 15. Cólera.

P. Um sentimento de cólera. Um sentimento de ma...

A. 16. Maldoso.

P. Não, maldoso não é...

A.16. De alegria.

P. Um sentimento de alegria, de felicidade, de malvadez... etc. Bem, então, que sentimentos é que o tio manifesta?

IN: ALTET, Marguerite (2000) – *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*, Porto: Porto Editora, pág. 94-95

As perguntas abertas são mais amplas e servem para solicitar a reflexão do aluno, para estimular a investigação pessoal, de forma a leva-lo a exprimir-se livremente. Aqui o aluno tem a liberdade de poder escolher a sua resposta.

A resposta é deixada à iniciativa do aluno que dá os seus contributos sobre um determinado tema, proposto pelo docente, num diálogo sempre finalizado. Vejamos o seguinte exemplo:

Conteúdos das interações verbais

P. O esqui, quem é que conhece? Tu já fizeste esqui? É bom, ah, que bom!

Christelle, porquê?

A. Christelle. Eu gosto da aventura.

P. Gostas muito da aventura! Bem, sim, é a grande aventura arriscarmo-nos a cair, mas tu gostas na mesma de fazer esqui?

A. 3. Cél. Eu, não sei bem porque, gosto muito de fazer esqui, gosto das sensações!

P. Gostas muito das sensações?

A. 3. Adoro!

P. Adoras! Bem, vá lá! Só se adora Deus!

A. 12. Eu gosto muito da velocidade.

P. Gostas muito da velocidade! Pois, é muito excitante andar depressa! Tomem atenção, no texto, é só ela que dá esta impulsão.

IN: ALTET, Marguerite (2000) – *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*, Porto: Porto Editora, pág. 95

As perguntas orientadoras estão associadas às iniciativas e procedimentos do aluno. Com estas questões o professor apela à reflexão dos alunos. Aqui o professor acompanha o aluno na sua reflexão e leva-o a tomar consciência que não respondeu completamente à pergunta feita e que só fez uma parte da tarefa que lhe foi pedido. O professor é o guia do aluno. Vejamos o seguinte exemplo:

Conteúdos das interações verbais

P. Então, qual é a vossa ideia?

A. 9. Com os ângulos.

P. Está bem, mas então qual é a ideia que puseste em prática?

A. 9. ... Silêncio... bem os ângulos...

P. De acordo, tu dizes com os ângulos, mas, o que é que tu fizeste?

A. 9. Tracei uma simetria.

P. Ah, pois, é isso, traçaste uma simetria e isso permitiu-te fazer o quê?

A. 9. Bem, achar o triângulo.

P. E o que é que te pediam?

A. 9. ... Silêncio...

P. Qual era a pergunta? Vê bem!

A. 9. (o aluno olha para a folha)... Ah! Sim, calcular...

P. Eh, pois era! CALCULAR o comprimento dos lados deste triângulo. Podias calculá-los aqui? À partida?

A. 9. Sim

P. Eh, está bem, nesse caso era preciso que tu fizesses o quê?

A. 9. ... medir.

P. Siiim, começar a medir e depois explicar o método que utilizaste; foi o que te pedi. A ti...

IN: ALTET, Marguerite (2000) – *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*, Porto: Porto Editora, pág. 96

Estas três questões estão associadas aos vários episódios que anteriormente referir: as perguntas fechadas estão associadas aos episódios indutores; as perguntas abertas estão associadas aos episódios mediadores e as perguntas orientadoras estão associadas aos episódios adaptadores.

Capitulo III

Sujeitos da

Investigação

3.1. Sujeitos da Investigação

Na sala de aula o professor comunica com os seus alunos, ao leccionar os conteúdos, mas, em muitos casos, é deficiente na comunicação. A dificuldade na comunicação consiste em não saber expressar-se bem e muito menos transmitir informações.

Assim, a má qualidade da comunicação tornou-se um dos principais problemas que atingem as salas de aula. Para fazer-se entender, embora pareça muito fácil, é necessário o conhecimento do exercício da linguagem, saber transmitir, que é diferente de expressar. A comunicação tem, portanto, para o professor, um papel muito importante para a concretização dos seus objectivos.

Relembrando o objectivo desta investigação, analisar as interacções verbais na sala de aula de História e Geografia e quais os principais episódios que ocorrem nestes duas disciplinas: episódios indutores, mediadores e adaptadores.

Partindo destes três tipos de episódios, durante o estágio profissional realizado na Escola Secundária Inês de Castro, realizei várias observações de aulas, na disciplina de História e Geografia, nas aulas leccionadas pelas orientadoras de estágio e nas aulas do meu colega de estágio. As observações das aulas foram realizadas em quatro turmas de níveis diferentes. Durante a observação das aulas, foi utilizada uma tabela para o registo das interacções verbais, que mais à frente mencionarei.

Ainda antes de referir-me aos instrumentos de observação da aula, é importante uma breve exposição sobre a escola e as turmas em estudo, ou seja, os sujeitos da minha investigação.

A Escola Secundária de Canidelo, criada pela portaria 406/80 é uma escola pública que lecciona o 3º ciclo do Ensino Básico (60%) o

Ensino Secundário, com percurso regular, os Cursos Qualificantes (Cursos de Educação e Formação - CEF, Cursos de Educação e Formação de Adultos - EFA-, Unidades de Formação de Curta Duração - UFCD -, Cursos Profissionais) e é sede de um Centro de Novas Oportunidades (CNO) com Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências. Desde 2006 é escola T.E.I.P. (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária).

Quanto aos sujeitos da minha investigação, as turmas, 7^oC, 8^oA, 11^oD e 12^oD, e começando a caracterização das turmas pelo sétimo ano, o 7^oC, é uma turma que está inserida num programa designado por Projecto Turma Mais.

O grande objectivo a alcançar é o de melhorar o desempenho escolar dos alunos que passem pelo projecto Turma Mais. Este objectivo é tão válido para os alunos com dificuldades várias, como para os alunos com elevado rendimento escolar e com os quais, habitualmente, os docentes pouco podem avançar quando integrados em turmas heterogéneas.

Ainda que o aumento do rendimento escolar seja uma meta clara a atingir, este projecto poderá também proporcionar um aumento de integração sócio - escolar e de auto-estima por parte daqueles que se vêem remetidos para posições de «inferioridade» nos resultados escolares normalmente obtidos.

Propõe-se a criação de uma turma sem alunos fixos, de frequência temporária, que agregue elementos com algumas características comuns, constituída até um máximo de catorze alunos, provenientes ou não da mesma turma de origem. Os resultados práticos desta acção serão verificados após a realização das avaliações formais destes alunos nas suas turmas de origem e/ou no decorrer do trabalhos no interior da Turma Mais.

Aos docentes que leccionam as turmas, por proposta do Coordenador da Turma Mais, compete criar os diferentes grupos de alunos agregados por algumas características relativamente semelhantes: alunos sem dificuldades de aprendizagem mas inquietos e/ou indisciplinados, alunos trabalhadores mas com dificuldades de aprendizagem, alunos muito motivados para a aprendizagem e bom comportamento, alunos mais velhos e, por isso, algo «deslocados» nas suas turmas, alunos com dificuldades de aprendizagem às quais juntam o pouco ou inexistente trabalho fora da sala de aula, etc.

O 7ºC, aquando da observação das aulas, era constituído por dezasseis alunos, sendo que metade da turma é constituída por raparigas e os restantes alunos (oito), são rapazes.

A turma apresenta alguns casos de alunos assinalados com problemas ao nível das aprendizagens, contudo é possível afirmar que o aproveitamento escolar desta turma é satisfatório. Esta turma foi observada na disciplina de Geografia.

O 8ºA é uma turma composta por vinte e seis alunos, sendo que, dezassete alunos pertencem ao sexo feminino e os restantes nove alunos pertencem ao sexo masculino. A faixa etária varia dos doze aos quinze anos de idade.

De acordo com as classificações obtidas ao longo do ano pelos alunos nos vários instrumentos de avaliação, é possível inferir que o aproveitamento da turma é Bom. Além disto, esta turma tem um comportamento bom, revela-se trabalhadora, empenhada e interessada pelos conteúdos abordados nas aulas, com o foi possível observar durante o ano lectivo de 2009/2010.

A turma não apresenta situações especiais, contudo é importante referir que alguns alunos, durante o seu percurso escolar já ficaram retidos. Esta turma foi observada na disciplina de História.

Ao nível do secundário observei o 11ºD, na aula de Geografia e o 12ºD, na disciplina de História. A turma do 11ºD é uma turma especial, no sentido de ser uma turma pequena, com apenas nove alunos. Dos nove alunos, quatro são do sexo feminino e os restantes cinco são do sexo masculino.

Esta turma apresenta um comportamento bom, revela interesse e empenho nas aulas, apesar de não ser muito interventiva nas aulas, o que muitas vezes torna-se difícil de interagir com eles.

O 12ºD, turma de História é composto por dezanove alunos, sendo que onze pertencem ao sexo feminino e oito ao sexo masculino. A turma revela um bom comportamento, contudo, durante as aulas, não revelam muito interesse e empenho e ainda são alunos pouco participativos nas aulas.

3.2. Metodologia

Ainda antes de observar as aulas e realizar o registo das interacções verbais estabelecidas entre docente e alunos, foi importante criar um instrumento para esse registo.

Após as leituras efectuadas a ESTRELA (2008:398), encontrei uma tabela que me pareceu interessante para a minha investigação. Contudo a tabela do autor apresentava alguns campos que na minha investigação não eram necessários, assim a tabela deste autor foi adaptada por mim de acordo com as minhas necessidades na observação (ver tabela 1).

Analisando com pormenor a tabela do registo da observação das interacções verbais e começando pelos aspectos mais básicos, a grelha que elaborei apresenta um campo para o registo da escola onde se processa a análise, neste caso, trata-se da escola onde realizei o meu estágio profissional.

Considereei igualmente importante identificar a turma e o ano dos alunos que foram observados, assim como a disciplina, visto que a observação foi realizada a duas disciplinas distintas, a História e a Geografia.

Ainda em relação aos aspectos mais gerais da grelha, foi importante referir a unidade didáctica/temática em que se insere a observação. Este aspecto é importante porque permite localizar os conteúdos que foram abordados na aula observada.

Por fim, foi apontado o número de alunos da turma e a data em que realizei a observação e o registo das interacções verbais.

Tabela do Registo de Dados da Observação das Interações Verbais

Escola: _____ Ano: _____ Turma: _____

Disciplina: _____ Unidade Didáctica/Temática: _____

Nº Alunos: _____ Data: _____

Sequências	Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador
		Temáticos	Procedimentais	Atitudinais					

Fonte: ADAPTADO DE: ESTRELA, Albano – *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma estratégia de formação de Professores*, Porto: Porto Editora, 2008

Tabela 1. Tabela do Registo de Dados da Observação das Interações Verbais

Quanto aos aspectos mais específicos e mais significativos para a análise das interações verbais, foram considerados sete campos: o espaço, os conteúdos, que foram especificados em temáticos, procedimentais e atitudinais, os momentos didáticos, os episódios, e por fim três campos com os três episódios: indutores, adaptadores e mediadores.

O primeiro campo, o **espaço**, é o campo onde é especificado a forma como a sala de aula está organizada. Este campo permite fornecer uma panorâmica do tipo de actividade que será realizada na sala de aula.

Uma sala de aula dita normal, com as mesas em fila e os alunos dois a dois, marca uma aula em que o professor terá um papel mais significativo e mais activo que os alunos. Segundo PIMENTA (1997:13-14) este esquema de aula corresponde a "salas onde o professor adopta uma postura que, na terminologia corrente, se designa por tradicional, ou seja, onde ele é organizador logocêntrico e expositivo da aprendizagem. Seria pois, de idealizar aqui que as interações nascem e morrem na vontade do «mestre». (...) Apesar de nestes esquemas assistirmos já a momentos de interacção, os mesmos, no entanto, têm origem na acção do professor, ou seja, é por interpelação deste que os alunos ganham voz e acedem ao mundo das ideias e à participação na aula."

Já uma sala com as mesas em grupo ou em U, permite referir que a aula terá uma actividade em que os alunos serão os protagonistas em que serão eles os agentes do processo de ensino-aprendizagem. Tal como refere PIMENTA (1997:16), "esta perspectiva centrada no aluno e/ou nas relações interpessoais desenvolvidas no contexto de uma comunidade, constitui (..) o verdadeiro sentido da acção do professor. Longe de o deixarmos excluído, ele é convidado a envolver-se e tornar-se num parceiro

activo na construção das aprendizagens dos alunos. Por isso, todo o «enfoque» se direcciona para as vivências, necessidades e capacidades demonstradas pelos formandos.”

Os **conteúdos**, segundo campo da tabela de observações, está dividido em três sub-campos, os conteúdos temáticos, os conteúdos procedimentais e os conteúdos atitudinais.

Os conteúdos são os meios através dos quais se pretende perseguir os objectivos ou intencionalidades educativas. Nas propostas curriculares, entende-se por conteúdo tudo quanto diga respeito a conhecimentos, a procedimentos, atitudes, valores e normas.

Ao construir a planificação, quer a planificação anual (longo prazo), quer a planificação de unidade didáctica (médio prazo) ou a planificação de aula (curto prazo), é importante que constem os conteúdos temáticos, procedimentais e atitudinais.

Os conteúdos temáticos estão directamente ligados com os temas, são os conceitos, factos e princípios que sempre estiveram presentes nas programações escolares. Dos conteúdos temáticos fazem parte os temas e conceitos que serão abordados na aula. Permite que se tenha uma ideia geral do que será abordado na aula.

Os conteúdos procedimentais são também muito importantes para a aula. Na aula, trabalhar procedimentos significa desenvolver a capacidade de saber-fazer, de saber actuar de maneira eficaz. Assim os procedimentos são uma destreza que o aluno deverá desenvolver.

A aprendizagem de procedimentos admite graus e o aluno não os adquire de uma só vez de forma completa, vai desenvolvendo-os de forma progressiva.

Uma das tarefas principais numa planificação, e no que respeita aos procedimentos, é distribuí-los adequadamente ao longo da etapa

educativa e estabelecer prioridades, tendo sempre como referência a análise dos objectivos gerais e os conteúdos.

Os conteúdos atitudinais são também fundamentais e devem ser igualmente avaliados pelo docente no contexto educativo, sendo uma parte fundamental da planificação. As atitudes são uma (pre)disposição e uma reacção face a objectos, ideias, pessoas, situações ou valores.

Fazendo parte integral da planificação de aula, foi por mim considerado importante que na tabela de observação de aula constassem os diversos conteúdos. Para além de fornecer alguma informação sobre a aula, estes permitem também avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

Aquando da análise dos resultados obtidos na observação das aulas, os conteúdos irão permitir explicar o porquê de ter observado determinado episódio.

O terceiro campo, o campo dos **momentos didácticos**, será o campo onde constará o momento didáctico da aula em que foi realizado determinado episódio.

Os momentos didácticos são fundamentais na construção do plano de aula visto serem as actividades que o professor e os alunos irão realizar na sala de aula.

Os **episódios**, o quarto campo da tabela de observações, será o campo do registo dos episódios ocorridos na sala de aula. Como já foi referido anteriormente, no capítulo 2.3. existem três tipos de episódios: os episódios indutores, mediadores e adaptadores.

Será a partir deste campo que será feita a análise das várias interacções ocorridas na sala de aula da disciplina de História e da disciplina de Geografia.

Os últimos campos, são os campos dos vários episódios, **episódio indutor**, **episódio mediador** e **episódio adaptador**. Será o campo onde irá ser assinalado a que episódio corresponde a análise das interacções ocorridas na sala de aula.

Construindo a tabela do registo de dados da observação das interacções, parti para a observação de aula e o registo das interacções verbais. Impõem-se ainda uma questão prévia: o que significa observar?

Segundo HALMITON e DELAMONT, citado por DIAS e MORAIS (2004:49), "os métodos de observação de classes mais usadas na investigação e na formação de professores dividem-se em duas grandes correntes: a investigação antropológica e a análise de interacções."

A observação é um processo desprovido de um fim definido, mas quando subordinado ao serviço dos sujeitos e aos seus processos complexos fornece dados empíricos importantes a uma análise.

Nas ciências sociais e humanas, a observação depara-se com diversas dificuldades que advêm dos vários intervenientes da observação: o sujeito observador, o objecto observado, a interacção sujeito observador – objecto observado e as situações pedagógicas.

A observação decorre da definição dos objectivos da observação e devem contemplar três aspectos fundamentais: a delimitação do campo de observação (estabelecer a escolha do observável, nomeadamente as situações comportamentais, as actividades, os tempos e espaços da acção, as formas e conteúdos de comunicação, as interacções verbais e não-verbais, etc); a definição das unidades de observação (estabelecer a escolha da classe, de turma, da escola, do recreio, dos alunos e professores e do tipo de fenómenos); e o estabelecimento das sequências comportamentais (estabelecer a

escolha do *continuum* dos comportamentos ou do reportório comportamental.

Quanto à minha investigação, o campo de observação será o registo das interacções verbais entre professor e alunos na sala de aula.

As unidades de observação serão as várias turmas onde realizei o meu estágio de inserção profissional (7ºC, 8ºA, 11ºD e 12ºD) na disciplina de História e na disciplina de Geografia na Escola Secundária Inês de Castro.

Por fim a sequência comportamental do meu trabalho passa pelo registo dos episódios ocorridos na sala de aula entre o professor e os alunos, através de uma grelha de observação construída por mim.

Ainda em relação à observação é importante a definição de uma estratégia de observação adequada aos objectivos propostos, logo qualquer estratégia de observação deve ter em conta as formas e meios de observação (escolha dos processos, métodos, técnicas e instrumentos, de acordo com os objectivos pretendidos e com a situação em causa); os critérios e unidades de registo de dados (escolha dos critérios de ordem funcional e temporal e definição das unidades de observação molar e molecular); os métodos ou técnicas de análise e tratamento de dados recolhidos (estabelecimento de fidelidade e validade dos dados, identificação das variáveis e factores determinantes, elaboração de modelos de inteligibilização do real); e a preparação preliminar e de aperfeiçoamento dos observadores (comparação entre os diversos protocolos de observação directa, análise de gravações, simulações).

A observação pode ainda classificar-se em observação ocasional, sistemática e naturalista.

A observação ocasional é realizada por escolha do observador, tendo em vista um momento específico da interacção dos indivíduos ou um momento específico de um fenómeno.

A observação sistemática exige do observador um método de anotação orientado para a recolha de dados susceptíveis de tratamento estatístico que podem assumir duas formas, os sistemas de sinais e os sistemas de categorias.

A observação naturalista é a que é realizada no meio natural por um observador distanciado da realidade observada, descrevendo as situações observadas e o comportamento dos indivíduos.

Considero que a minha breve investigação se enquadra na observação ocasional, visto que fui eu que decidi quando observar e o que observar. Sendo que a observação é feita na sala de aula, nem todo o que lá ocorre é importante, o que é pretendido é a observação das interacções/episódios entre professor e alunos durante a aula.

Capitulo IV

Análise do Resultados

4.1. Análise dos Resultados

Relembrando um pouco a metodologia utilizada e os sujeitos da investigação, este trabalho foi elaborado na Escola Secundária Inês de Castro nas turmas onde realizei o meu estágio de inserção profissional, o 7ºC, 8ºA, 11ºD e 12ºD, durante o ano lectivo de 2009/2010.

A metodologia da investigação passa pela observação das aulas leccionadas pelas orientadoras cooperantes e pelo meu colega de estágio nas várias turmas já mencionadas.

A observação da aula era acompanhada pelo registo numa tabela dos vários episódios que ocorriam durante as aulas entre professor e alunos.

A tabela, para além do campo do registo dos episódios, apresentava ainda outros campos que ajudam a perceber a dinâmica da aula: o espaço, a forma como a sala estava organizada; os conteúdos, divididos em conteúdos temáticos, conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais. O campo dos conteúdos fornece informações importantes sobre a aula e o que será abordado e avaliado na aula.

A tabela apresenta ainda o campo do registo dos momentos didácticos, que indica o momento didáctico da aula onde ocorreu os episódios.

Os últimos campos representam os três tipos de episódios, indutor, mediador e adaptador. Este campo pretende ser uma indicação do tipo de episódio que considero ter ocorrido, de acordo com as leituras efectuadas.

No 7^oC foram realizadas quatro observações, nos dias oito de Março, dezanove de Abril, vinte e seis de Abril e três de Maio do ano de 2010.

No 8^oA foi apenas realizada uma observação no dia seis de Maio de 2010.

Ao nível do secundário, no 11^oD foram realizadas três observações nos dias vinte e um de Abril, no dia vinte e oito de Abril e cinco de Maio de 2010.

No 12^oD foram realizadas duas observações de aula, no dia dezanove e vinte e seis de Abril de 2010.

Ainda antes de iniciar a minha análise aos resultados das observações, é importante referir que, nas primeiras observações que realizei, apenas aponte as questões que o professor fez aos alunos, não apontando as respostas dos alunos.

Assim, as tabelas dos dias oito de Março, dezanove de Abril, vinte e um e vinte e seis de Abril de 2010 apresentam possíveis respostas dos alunos, por mim elaboradas. As restantes tabelas, dos dias vinte e oito de Abril, três e cinco de Maio de 2010 apresentam já as respostas que os alunos deram ao professor.

Quando comecei a observação das aulas, tinha a percepção das dificuldades de fazer o registo e portanto só registei as intervenções dos professores. À medida que adquiri prática, comecei também, a registar as intervenções dos alunos. Apesar de algumas tabelas apresentarem possíveis respostas dos alunos, considero possível analisar as interacções verbais entre professor e alunos.

Ainda antes de analisar os episódios que ocorreram durante as aulas observadas, considero importante uma análise dos restantes campos da tabela, neste caso a interpretação do campo espaço e

conteúdos. Para essa análise optei por criar uma tabela (tabela 2) que apresenta a ocorrência desses dois fenómenos.

Ainda antes de analisar a tabela 2 e em relação aos conteúdos temáticos é importante referir que as observações ao 7º ano ocorreram durante a execução da Unidade Didáctica "Clima e Formações Vegetais". Das quatro observações no sétimo ano, a primeira estava inserida nos conteúdos temáticos "Factores do Clima" (latitude, altitude e continentalidade).

Em relação a estes conteúdos temáticos os alunos deveriam saber identificar os factores do clima que influenciam os diferentes elementos do clima, com especial destaque para a precipitação e temperatura. De forma muito sucinta, os alunos deveriam concluir que a temperatura diminuiu com o aumento da altitude e latitude e a proximidade do mar têm um efeito amenizador da temperatura, logo os lugares mais próximos do oceano têm tendência a registar temperaturas amenas.

As restantes três observações estavam inseridas nos conteúdos temáticos "Tipos de Climas e Respectivas Formações Vegetais" (zona climática quente e temperada). Nas aulas os alunos deveriam identificar os climas da zona climática quente (equatorial; tropical húmido; tropical seco; tropical de monção e desértico) e da zona climática temperada (temperado mediterrânico; temperado marítimo e temperado continental), assim como as respectivas características, formações vegetais e produções agrícolas de cada um dos climas das duas zonas climáticas.

Estas aulas foram abordadas através de um trabalho de grupo, realizado pelos alunos. Os alunos em grupo deveriam construir um cartaz sobre as zonas climáticas e os respectivos climas. Deveriam interpretar gráficos termopluviométricos, analisar imagens e

paisagens, interpretar e legendar mapas e imagens; e ainda construir um pequeno texto com as características dos climas.

Em relação ao oitavo ano, a observação da aula ocorreu durante a execução da Unidade Temática "A Civilização Industrial no Século XIX", com destaque para os conteúdos temáticos inseridos no sub-tema "A Civilização Industrial no Século XIX" e o sub-tema "Contrastes e Antagonismos Sociais".

Na aula os alunos deveriam saber explicar que o desenvolvimento da ciência e as melhorias na alimentação e nos cuidados de saúde levaram a um aumento da população ao longo do século XIX. A industrialização, o desenvolvimento do comércio e o crescimento das cidades aumentaram os contrastes sociais entre a burguesia e o proletariado. É neste contexto que surge o movimento sindical e o socialismo.

No secundário, no 11ºD, turma observada na disciplina de Geografia, as duas primeiras observações estão inseridas na Unidade Didáctica "A Diversidade dos Modos de Transporte e a Desigualdade Espacial das Redes", a última aula está inserida na Unidade temática "A Revolução das Telecomunicações e o seu Impacto nas Relações Interterritoriais".

Quanto à primeira Unidade Didáctica, as duas aulas estão inseridas no sub-tema "A Distribuição Espacial das Redes de Transporte", contudo a primeira observação estava relacionada com a rede ferroviária. Nesta aula os alunos deveriam caracterizar a rede ferroviária nacional, através das principais redes ferroviárias, o tipo de rede e principais infra-estruturas ferroviárias.

Na segunda observação de aula, os alunos deveriam caracterizar a rede nacional de aeroportos. A caracterização da rede de aeroportos passava pela referência aos principais aeroportos nacionais; os principais movimentos de passageiros, por região de

origem e destino; e ainda era importante a referência aos voos low cost.

A última observação, inserida na Unidade Didáctica “A Revolução das Telecomunicações e o seu Impacto nas Relações Interterritoriais”, mais especificamente no sub-tema “A Distribuição Espacial das Redes de Comunicação”. Durante esta aula os alunos deveriam identificar as várias tecnologias mais recentes e a evolução nas telecomunicações.

No 12ºD, as duas aulas observadas estavam inseridas na Unidade Temática “O Fim do Sistema Internacional da Guerra Fria e a Persistência da Dicotomia Norte-Sul”. A primeira aula estava relacionada com os “Pólos do Desenvolvimento Económico” e de forma muito sucinta, os alunos deveriam referir que nos finais do século XIX, estabeleceram-se novos pólos de desenvolvimento económico no Mundo. Apesar de estarem inseridos em áreas culturais muito diferentes, tinham em comum uma economia de mercado: os Estados Unidos da América, a Europa, a Ásia-Pacífico e, com crescente abertura, a China. Paralelamente, desenhavam-se novas relações entre os estados, numa nova ordem internacional.

A segunda aula observada, estava inserida no sub-tema “O Aprofundamento da Integração Europeia”. Nesta aula os alunos deveriam identificar os principais motivos da criação de uma Comunidade Europeia, os vários países que foram integrando e quando integraram, assim como os vários tratados realizados que permitiram a entrada dos vários países.

Espaço	Sala Normal	7							
	Sala em Grupos	3							
Conteúdos	Procedimentais	Expressão oral e escrita	Construção de esquemas	Análise e interpretação de documentos geográficos (mapas, planisférios, atlas, plantas, gráficos)	Análise e interpretação de imagens	Análise e interpretação de paisagens	Interpretação de gráficos termopluviométricos	Leitura e interpretação de documentos escritos (textos, notícias)	Análise de dados geográficos
		10	2	10	5	3	3	6	1
	Atitudinais	Atenção	Interesse	Empenho	Iniciativa	Organização	Criatividade	Dinâmica	Cooperação
		10	9	10	8	3	3	3	3
		Solidariedade	Respeito	Responsabilidade	Curiosidade	Civismo	Autonomia	Rigor	Comunicabilidade
		3	3	4	3	3	9	3	2

Tabela 2. Ocorrência dos fenômenos

Analisando a tabela 2, das dez aulas observadas, sete foram leccionadas com a sala disposta de forma tradicional, isto é, as mesas dispostas em fila e os alunos dois a dois. As restantes três aulas observadas foram leccionadas com as mesas dispostas em grupo.

Os conteúdos procedimentais presentes nas dez aulas por mim observadas foram a expressão oral e escrita; a construção de esquemas; a análise e interpretação de documentos geográficos (mapas, planisférios, atlas, plantas, gráficos); a análise e interpretação de imagens; a análise e interpretação paisagens; a interpretação de gráficos termopluviométricos; a leitura e interpretação de documentos escritos (textos, notícias) e a análise de dados geográficos.

Dos vários procedimentos referidos anteriormente, o procedimento expressão oral e escrita, e a análise e interpretação de documentos geográficos, foram os procedimentos mais desenvolvidos durante as aulas observadas. Por outro lado, a análise de dados geográficos foi o procedimento menos desenvolvido durante as aulas observadas.

Quanto aos conteúdos atitudinais, nas dez aulas observadas, destacou-se as seguintes atitudes: a atenção; o interesse; o empenho; a iniciativa; a organização; a criatividade; a dinâmica; a cooperação; a solidariedade; o respeito; a responsabilidade; a curiosidade; o civismo; a autonomia; o rigor e a comunicabilidade.

Das dezasseis atitudes presentes durante as aulas observadas, a atenção, o empenho, o interesse e a autonomia foram as atitudes mais valorizadas pelo docente. Já a comunicabilidade foi a atitude menos presente nas dez aulas observadas.

Na sala de aula, as interacções verbais entre professor e alunos é a variável mais importante do ensino, visto que as situações de aprendizagens podem ser vistas como uma interacção entre vários elementos: o aluno, o professor, os conteúdos e o ambiente na sala de aula.

Sabendo que as interacções verbais na sala de aula são muito importantes para um processo de ensino-aprendizagem eficaz e cada

vez mais centrado no aprendente, é importante que a comunicação na sala de aula seja uma constante e esteja sempre presente.

Analisando as várias tabelas do registo de dados da observação das interacções verbais (em anexo) e até todas as regências que assisti ao longo deste ano lectivo de 2009/2010, posso afirmar que na sala de aula o diálogo e as interacções verbais entre professor e aluno são uma constante.

O professor preocupa-se em dialogar com o aluno e através do diálogo vai questionando os alunos sobre determinado tema, por exemplo, recorrendo às minhas observações, os professores utilizam muitas vezes vários recursos nas aulas, documentos escritos, imagens, mapas, gráficos, etc, e através desses recursos vai questionando os seus alunos sobre aquilo que eles podem observar. Vejamos o seguinte exemplo:

Disciplina: História Turma: 8ªA Data: 6 Maio 2010

Momento Didáctico: Análise de um filme elaborado pelo professor sobre os progressos científicos

Q. Quais os avanços na medicina?

R. Vacina

R. Medicamentos

Q. Na indústria química o que apareceu?

R. Desinfectante

R. Sabão e sabonetes

Na agricultura que mudou na produção?

R. Aumentou

Q. O que permitiu esse aumento?

R. Introduziu-se novas culturas

Q. Quais?

R. Batata

R. Arroz

Disciplina: Geografia Turma: 11ºD Data: 28 Abril 2010

Momento Didáctico: Leitura e análise da notícia “Estação do Barreiro quase vazia em cenário típico de Domingo”

Q. Porque havia poucas pessoas na estação do Barreiro?

R. Porque era um dia de greve nos transportes

Q. Com base nesta noticia, que tipo de transporte fez greve?

R. Transporte intermodal

Q. Qual a vantagem do transporte intermodal?

R. Redução dos custos económicos

R. Segurança

R. Redução da poluição, de energia

Através destes dois exemplos retirados de uma aula de História e Geografia, é possível afirmar que os professores utilizaram a exploração de um recurso através do diálogo e da comunicação com os alunos.

No caso da aula de História e da exploração do filme, o professor pretendeu com a interacção com os alunos que estes fossem referindo quais os principais progressos científicos que ocorreram no século XIX, com o processo de industrialização.

O mesmo sucede com a disciplina de Geografia. O docente questiona os alunos sobre uma notícia e é esse questionamento que leva os alunos a identificarem o tipo de transporte aderiu à greve e quais as vantagens desse meio de transporte.

É possível referir que o diálogo e as interacções entre docente e discente estão presentes na sala de aula e que são importantes e facilitadores da aprendizagem. O que é importante agora avaliar é a forma como as interacções se apresentam.

No início deste trabalho a hipótese que pretendia ver testada era a seguinte: nas aulas de História e Geografia prevalecem os episódios mediadores.

Recapitulando, um episódio é uma unidade de interacções entre vários actores, neste caso, professor e alunos. São constituídos por uma ou várias interacções sobre um determinado assunto ou acção. Os episódios iniciam-se por uma entrada verbal e termina marcada por indicadores verbais ou gestuais. A fase intermédia é constituída por perguntas, respostas, comentários. Podemos falar de episódios indutores, mediadores e adaptadores.

Após a análise das várias tabelas do registo de dados da observação das interacções verbais (em anexo), posso inferir que nas dez aulas que observei, registei trinta e oito episódios, sendo que desses trinta e oito episódios, trinta e dois trataram-se de episódios indutores e os restantes seis episódios mediadores. Quanto aos episódios adaptadores, não obtive qualquer episódio desse género.

Em 100%, 84% dos episódios foram episódios indutores, o que significa que nas aulas observadas, os alunos foram orientados pelo docente e que foi o ele que introduziu e encerrou as interacções através de uma explicação (esta explicação não está presente nas tabelas), este foi conduzindo o raciocínio para os objectivos que pretendia. Vejamos os seguintes exemplos:

Disciplina: Geografia Turma: 11ºD Data: 28 Abril 2010

Momento Didático: Análise de um mapa com a distribuição dos aeroportos portugueses

Q. Quais os principais aeroportos do espaço português?

R. Aeroporto de Lisboa

R. Aeroporto de Faro

R. Aeroporto Francisco Sá Carneiro

Q. Porque é que as ilhas têm todas um aeroporto?

R. Facilita a deslocação das pessoas

R. Deslocação mais rápida

Q. Qual a importância do aeroporto para o interior do país?

R. As pessoas deslocam-se mais rapidamente para outros locais

R. Permite a deslocação de turistas a esses locais

Disciplina: História Turma: 8ºA Data: 6 Maio 2010

Momento Didático: Análise de uma planta de uma cidade

Q. O que aconteceu à cidade de Brooklin?

R. Cresceu

Q. E quanto tempo?

R. Cerca de 40 anos

Q. O que permitiu que ela crescesse desta forma?

R. Desenvolvimento das vias aéreas

R. Proximidade do mar

Se analisarmos estes dois exemplos podemos afirmar que se tratam de episódios indutores, com poucas interações, em que o professor inicia a interação com uma questão e finaliza com a explicação do assunto (não apresento a explicação).

A forma como as questões são elaboradas demonstram que se tratam de episódios indutores, visto que se tratam de perguntas fechadas que apelam a uma ou duas respostas, que é a esperada pelo docente e a única válida e que lhe interessa e que permite continuar o seu raciocínio.

Com a observação que efectuei, posso afirmar que nas aulas observadas, na disciplina de História e Geografia, nas turmas do 7ºC, 8ºA, 11ºD e 12ºD, prevaleceram os episódios indutores com perguntas fechadas que resultam em respostas directas e sem grandes reflexões por parte do aluno.

Apesar de nas observações prevaleceram os episódios indutores, foi possível observar já alguns episódios mediadores, o que me leva a constatar que já há uma preocupação na mudança conceptual na sala de aula e ainda uma preocupação em tornar o aluno um agente construtor do seu saber. Vejamos os seguintes exemplos:

Disciplina: História Turma: 8ºA Data: 6 Maio 2010

Momento Didáctico: Leitura e interpretação de um texto com o título "*aumento da população*" acompanhado da análise de um gráfico

Q. O texto refere-se a que época?

R. 1750-1820

Q. O que aconteceu à população agrícola?

R. Aumentou

Q. O que sucedeu com a população?

R. Ficaram mais resistentes às doenças

R. Estão mais bem alimentados

Q. Porque estão agora mais bem alimentados?

R. Porque já tinham mais variedade de alimentos

Q. Porque é que isso é importante?

R. Porque há mais variedade de minerais e vitaminas.

Q. Houve outra inovação que permitiu o aumento da população.

Qual?

R. Aparecimento das vacinas e dos sabonetes

Q. Que permitiram o que?

R. Reduzir a mortalidade infantil

Q. Só veio reduzir a mortalidade infantil?

R. Permitiu também aumentar a esperança média de vida.

Q. Se a população aumentou o que aconteceu à agricultura?

R. Aumentou

Q. Esse aumento foi beneficiado por quê?

R. O desenvolvimento técnico

Se repararmos no exemplo da disciplina de História, o episódio inicia-se como um episódio indutor, contudo, a meio do episódio, a partir da questão “*Porque estão agora mais bem alimentados?*”, temos já um episódio mediador, com a acção centrada no aluno. O professor foi questionando os alunos através daquilo que os alunos iam respondendo. Temos assim a acção centrada no aprendente.

Disciplina: Geografia Turma: 11ºD Data: 5 Maio 2010

Momento Didático: Leitura e análise da notícia: “Mário Lino defende importância das telecomunicações na luta contra a crise mundial”

Q. Em que circunstância é que o ministro proferiu este discurso?

R. Na conferência Ibero-americana dos Ministros da Comunicação.

Q. Onde decorreu a conferência?

R. Estoril

Q. Porque ele defendeu o diálogo sobre as telecomunicações no espaço Ibero-americano?

R. Para reduzir o fosso digital entre os países ibérico americanos.

Q. Qual o interesse de as telecomunicações se desenvolver e que interesse elas tem para a sociedade em geral e em particular no espaço ibérico americano?

R. Permite o desenvolvimento económico e social das regiões

Q. Porque? Porque são importantes para o desenvolvimento social das regiões?

R. Porque aumenta a competitividade das empresas

Q. De que forma?

R. Porque se tem um negócio aqui e no Brasil não é necessário deslocar-se sempre lá, é possível fazer uma videoconferência e resolver o problema aqui.

Q. Que outras situações pode gerar as telecomunicações?

R. Reforça a sustentabilidade económica.

Q. O que se entende por esse reforço de sustentabilidade económica?

R. Permite suportar as despesas económicas que se têm.

Q. Que vectores tem de existir na sociedade para que ele possa ser considerado desenvolvido?

R. Económico.

Q. Em que nos baseamos para dizer que Portugal é desenvolvido?

R. Dados estatísticos

Q. Em que dados estão assentes esses dados estatísticos para dizer que uma sociedade é desenvolvida?

R. PIB

Q. Mais. Que outros serviços permitem dizer que a sociedade é desenvolvida?

R. Electricidade

R. Agua canalizada

R. Transportes

R. Serviços, como os transportes

R. Escolas

Q. Que progressos podemos considerar nas telecomunicações?

R. Telefone

R. Telemóvel

R. Internet

R. Computador

R. Correio electrónico

R. Fax

No episódio da aula de Geografia, o diálogo inicia-se como indutor, contudo a meio o professor foi utilizando aquilo que os alunos diziam para desenvolver o diálogo, essencialmente a partir da questão *"Qual o interesse de as telecomunicações se desenvolver e que interesse elas tem para a sociedade em geral e em particular no espaço ibérico americano?"*.

Considerações Finais

A comunicação na sala de aula e as interações entre professor e aluno, durante o ano que realizei o meu estágio de inserção profissional, foi a minha maior dificuldade e aquela em que tive de trabalhar bastante para conseguir ultrapassar. Sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer e a melhorar, mas posso afirmar que já melhorei e que os primeiros passos para o sucesso já foram dados. Foi neste sentido que a minha escolha foi para esta temática, de modo a encontrar um caminho para melhorar a minha lacuna.

Comunicar e interagir com os alunos parece ser uma tarefa fácil de concretizar e uma característica própria e natural de qualquer docente. Seria óptimo se assim fosse. Durante este ano pude observar e perceber que nem sempre o professor têm o dom da palavra e que muitas vezes é difícil estabelecer um diálogo com os alunos, porque eles nem sempre gostam de dialogar com o professor, muitas vezes não se interessam pela temática, enfim, muitos são os motivos que explicam as dificuldades em estabelecer um diálogo na sala de aula.

Apesar das várias dificuldades que o professor possa encontrar, é importante que este tente sempre desenvolver com os seus alunos o diálogo de forma a facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Este, o docente, deve ser o facilitador dos processos comunicativos na sala de aula e deve ainda criar uma atmosfera na sala de aula que permita aos alunos criar confiança, segurança e à vontade para poderem comunicar, argumentar e discutir os assuntos e as suas ideias, facilitando assim a aprendizagem.

Esta aprendizagem deve ser feita pelo próprio aluno, ou seja, por descoberta. Este tipo de ensino exige uma nova forma de

comunicar, uma comunicação baseada no diálogo maioritariamente horizontal.

Neste tipo de aprendizagem, o professor ganha um novo papel, este passa a ser o mediador do diálogo e das aprendizagens. O professor deixa de ser um mero transmissor do saber e passa a ser um guia do aluno na descoberta dos saberes. O aluno assume igualmente um novo papel, onde passa de um simples ouvinte e passa a ser um agente activo na descoberta dos seus conhecimentos, através da resolução de problemas.

Após as várias leituras efectuadas e a realização do trabalho empírico, uma das primeiras conclusões que obtive é que o diálogo com os alunos é muito importante e fundamental, porque permite a intervenção dos alunos, a exposição das suas ideias, mas acima de tudo é um facilitador da aprendizagem dos alunos.

Partindo deste pressuposto, da importância das interacções verbais entre docente e discentes para as aprendizagens dos alunos e após as leituras realizadas, o objectivo fundamental desta investigação passava por perceber que tipos de episódios são mais frequentes nas aulas de História e Geografia.

Um episódio consiste numa troca verbal sobre um determinado assunto e é constituído por uma ou várias interacções. Podemos dividir os episódios em episódios indutores, mediadores e adaptadores.

Após a definição de cada um dos episódios (capítulo 2.3.), parti para a observação das aulas e o registo das interacções que foram ocorrendo nas aulas.

De forma a realizar estas observações elaborei uma tabela do registo de dados de observação das interacções verbais. A tabela foi adaptada de uma outra, elaborada pelo autor Albano Estrela. Visto

que nem todos os campos da sua tabela se adequavam à minha investigação, adaptei a tabela de acordo com as minhas necessidades.

Desta forma, a tabela que construí é composta por sete campos, sendo que um dos campos dividi-se em três campos: espaço; conteúdos (procedimentais, atitudinais e temáticos), momentos didáticos; episódio; episódio indutor, episódio mediador e episódio adaptador.

Definidos os objectivos da investigação e os recursos a utilizar, iniciei as minhas observações. As observações foram efectuadas na Escola Secundária Inês de Castro, local onde realizei o estágio de inserção profissional, nas aulas leccionadas pelas orientadoras cooperantes e pelo meu colega de estágio, nas turmas 7°C, 8ºA, 11ºD e 12ºD.

Foram observadas dez aulas, sendo que sete foram observadas na disciplina de Geografia e três na disciplina de História. Das sete observadas na disciplina de Geografia, quatro foram observadas no 7°C e as restantes três no 11ºD., no caso da História, uma foi observada no 8ºA e as restantes duas no 12ºD.

Quando iniciei as observações apenas apontei as várias questões que o docente ia realizando aos seus alunos, deste modo considero importante referir que as observações efectuadas nos dias oito de Março, dezanove, vinte e um e vinte e seis de Abril, são referidas respostas que possivelmente os alunos dariam às questões do professor, isto é, as questões, foram as que o professor colocou, contudo as respostas foram criadas por mim.

Esta falha na minha investigação adveio da falta de experiência em observar aulas e a dificuldade em registar todo o que o professor dizia, isto é, à medida que o docente ia questionando os alunos eu ia registando as questões, contudo nem sempre era fácil apontar tudo o

que o professor dizia e tudo o que o aluno respondia. Contudo à medida que ia ficando mais à vontade e mais integrada na investigação o registo foi facilitado e possível.

Após a análise das várias tabelas do registo dos dados da observação das interacções verbais, foi possível concluir que na sala de aula ocorre diálogo e interacções verbais entre os vários elementos presentes na sala de aula.

O professor utiliza vários recursos na sala de aula e é através da exploração desses recursos que o diálogo ocorre entre professor e aluno.

Uma outra conclusão a esta investigação é que nas dez aulas observadas foi sempre o professor que iniciou o diálogo e foi sempre ele que encerrou a interacção, com a explicação da temática em estudo (esta explicação não aparece nas tabelas), o que permite concluir que nas aulas observadas predominaram os episódios indutores, ou seja, episódios que foram orientados pelo docente, com poucas interacções, em que o professor introduz e fecha o diálogo, ou seja, é ele que conduz o raciocínio.

Esta conclusão leva-nos ainda a afirmar que as questões do professor são essencialmente questões fechadas, que apelam essencialmente a uma resposta que é a esperada pelo professor e a única que ele deseja. É essa a resposta que vai permitir ao professor encadear o resto do diálogo.

Assim, a análise e a conclusão do meu trabalho empírico, não comprovou a hipótese que inicialmente levantei: nas aulas de História e Geografia predominam os episódios mediadores, visto que, nas observações que realizei e na análise efectuada registei um predomínio dos episódios indutores.

Apesar de considerar que os episódios indutores permitem a aprendizagem do aluno, esta é essencialmente mecânica com uma grande presença da acção do professor na sala de aula e pouca do aluno. Os conhecimentos são aprendidos mecanicamente recorrendo à memorização, acabando por não ter significado lógico para o próprio aluno.

A mudança no ensino está na valorização da aprendizagem por descoberta, em que as aprendizagens são conquistadas e descobertas pelos alunos de forma a tornarem-se significativas e lógicas para o discente. É neste sentido que o professor deve privilegiar os episódios mediadores mas acima de tudo os episódios adaptadores, com questões que estão associadas às iniciativas dos alunos.

Este tipo de ensino privilegia a acção do aluno e a sua postura de descoberta e de iniciativa. O professor torna-se num orientador da descoberta do aluno.

Durante as observações, principalmente nas últimas regista-se já episódios mediadores. Estas pequenas mudanças que foram ocorrendo, advêm da preocupação dos docentes em colocar a acção nos alunos, contudo o facto de os professores observados tomarem conhecimento desta investigação e da existência de um tipo de diálogo que permite uma aprendizagem mais significativa, motivou, igualmente esta mudança na sala de aula.

Tenho consciência que nas aulas essencialmente predominaram os episódios indutores, contudo já há uma mudança e a presença de episódios mediadores, já numa fase final das observações que coincidiu com o final de estágio. Este trabalho contribuiu para a tomada de consciência do núcleo de estágio da existência de outros episódios, que promovem a melhoria da qualidade de ensino.

É importante referir, para finalizar, que se trata de um trabalho de investigação realizado numa determinada escola, com

determinados alunos e professores com características próprias, inseridos num determinado contexto escolar e social, logo as conclusões apresentadas não são generalizadas a todas as turmas de História e Geografia, dizem apenas às quatro turmas observadas.

Os resultados obtidos ocorreram num determinado local e num determinado dia, com um determinado número de alunos, talvez a mesma aula noutros alunos revelaria resultados diferentes, ou até com outros professores os resultados poderiam ser outros.

Bibliografia

ALTET, Marguerite (2000) – *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*, Porto: Porto Editora

ANTÃO, Jorge (2001) – *Comunicação na sala de aula*, Porto: Edições ASA

ESTRELA, Albano (2008) – *Teoria e prática de observações de classes. Uma estratégia de formação de professores*, Porto: Porto Editora

JIMÉNEZ, A. M. (1995), El modelo de interacción o la formación mediante el diálogo y la debate. In: JIMÉNEZ, A. M.; GAITE, M. J. M. – *Enseñar geografía: de la teoría a la práctica*, España: Síntesis

JIMÉNEZ, A. M. (1995), Las exposiciones orales. In: JIMÉNEZ, A. M.; GAITE, M. J. M. – *Enseñar geografía: de la teoría a la práctica*, España: Síntesis

PIMENTA, Rui C. (1997) – A sala de aula, ensaio do perspectivas. In: *Revista de Associação de Professores de Geografia*, p. 10-22, Março/Setembro

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (2003) – *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Grávida

VIEIRA, Helena (2000) – *Comunicação na sala de aula*, Lisboa:
Presença

Bibliografia Electrónica

DIAS, Carlos; MORAIS, José. *Interacção em Sala de Aula: Observação e Análise* [versão electrónica]. Acedida a 7 Junho de 2010 em:

http://www.esenfc.pt/rr/admin/conteudos/downloadArtigo.php?id_ficheiro=211&codigo

<http://www.esic.pt/#self> Acedido a 1 Junho de 2010

<http://www.min-edu.pt/np3/3527.html> Acedido a 1 Junho de 2010

Anexos

Anexos: Tabelas do Registo de Dados da Observação das Interações Verbais

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 7 Turma: C**

Disciplina: Geografia **Unidade Didáctica/Temática:** Clima e Formações Vegetais

Nº Alunos: 14 **Data:** 8 Março 2010

	Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador
		Temáticos	Procedimentais	Atitudinais					
Sequências	Sala Normal	- Factores do Clima;	- Expressão oral e escrita;	- Atenção;	1. Elo de ligação	Q. Quais os elementos do clima? R. Temperatura. R. Precipitação. R. Humidade. R. Vento.	X		
		- Latitude;	- Análise e interpretação de imagens;	- Comunicação;	2. Análise de várias imagens de algumas das maiores cadeias montanhosas do mundo	Q. Os Alpes localizam-se em que continente? R. Europa Q. E os Andes? R. América do Sul Q. E os Himalaias? R. Ásia Q. E o Killimanjar? R. África	X		
		- Altitude;	- Análise e interpretação de documentos geográficos (atlas e mapas)	- Responsabilidade;	3. Recorrendo às imagens dos grandes conjuntos de relevo usados no momento didáctico anterior	Q. O que sentem ao observar as imagens? R. São altas Q. Quando vão à serra da estrela o que sentem? R. Ao subir fica mais frio. Q. Então o que acontece à temperatura? R. Desce. Q. E o que acontece à vegetação		X	

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 7 Turma: C**

Disciplina: Geografia Unidade Didáctica/Temática: Clima e Formações Vegetais

Nº Alunos: 16 Data: 19 Abril 2010

Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador											
	Temáticos	Procedimentais	Atitudinais																
Sequências	Grupos: 4 grupos com 4 alunos	- Clima e Formações Vegetais:	- Expressão oral e escrita;	- Atenção;	1. Elo de ligação	Q. Vamos relembrar os elementos do clima. Quais é que são? R. Temperatura. R. Precipitação. R. Vento. R. Humidade. Q. Quais os principais factores do clima? R. Altitude. R. Latitude. R. Continentalidade. Q. Na última aula construímos e alisamos vários gráficos termopluiométricos. Que elementos do clima analisamos nos gráficos? R. Temperatura. R. Precipitação. Q. Eram iguais os gráficos? R. Não	X												
		- Os climas quentes:	- Construção de esquemas;	- Interesse;						- Empenho;	- Iniciativa;	- Organização;	- Criatividade;	- Dinâmica;	2. Análise e interpretação de um globo terrestre representando as zonas climáticas.	Q. Quais as zonas representadas no globo? R. Zona Quente ou intertropical. R. Zona Temperada. R. Zona Fria Q. Na aula de hoje vamos analisar a zona quente ou intertropical. Porque será que a zona quente é também designada de zona intertropical? R. Porque está entre os trópicos. Q. Que trópicos? R. Trópico de Câncer e Capricórnio.	X		
- Principais formações vegetais e produções agrícolas dos climas quentes.	- Análise e interpretação de documentos geográficos	- Análise e interpretação de paisagens;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;	- Dinâmica;					

				<ul style="list-style-type: none"> - Respeito; - Resposta-bilidade; - Curiosidade; - Civismo; - Autonomia; - Rigor; 	<p>3. Análise de excertos do documentário da BBC e de dois gráficos</p>	<p>Q. Ao observarem o gráfico de Singapura a que parte do filme associam?</p> <p>R. Primeira parte.</p> <p>Q. Porquê?</p> <p>R. Porque tem muita vegetação.</p> <p>Q. O que vós faz pensar assim?</p> <p>R. Porque chove muito.</p> <p>Q. Muita precipitação.... Sim... Porque? No vídeo não viram chover.</p> <p>R. Porque causa da vegetação.</p> <p>Q. Como descrevem essa vegetação?</p> <p>R. Alta, verde.</p> <p>R. Tem muita vegetação junta.</p> <p>Q. O sol tem muita de facilidade em penetrar essa floresta?</p> <p>R. Não.</p> <p>Q. Porque?</p> <p>R. Porque é muito alta e está muito junta.</p> <p>Q. E no deserto como é a floresta?</p> <p>R. Quase não existe.</p>		X	
--	--	--	--	---	---	--	--	---	--

Nota: Q – Questão colocada pelo professor

Nota: R – Resposta do aluno

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 12 Turma: D**

Disciplina: História Unidade Didáctica/Temática: O fim do sistema internacional da Guerra Fria e a persistência da dicotomia Norte-Sul

Nº Alunos: 19 Data: 19 Abril 2010

	Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador
		Temáticos	Procedimentais	Atitudinais					
Sequências	Sala Normal	- O fim do sistema internacional da Guerra Fria e a persistência da dicotomia Norte-Sul	- Expressão oral e escrita; -Leitura e interpretação de textos	- Atenção; - Interesse; - Empenho; - Iniciativa; - Autonomia	1. Elo de ligação Sit. Problema “Quando a Economia Americana Espirra a Economia do Mundo Constipase” Porque	Q. O que significa esta afirmação? Q. Concordas com a afirmação? Q. Porque? Contextualiza com o que abordamos na aula anterior. Q. O que aconteceu à Europa? Q. Quem se destacou neste período? Q. O que aconteceu à economia mundial? Q. A União Soviética esta a fazer o caminho de quem? Q. Porque será que era impossível que na década de 70 o Presidente da América conversa-se com o Presidente da União Soviética? Q. Qual a característica do partido soviético? Q. Quando se decreta o fim da URSS? Q. Que países saíram da URSS pela forma bélica? Q. Na década de 90 estamos perante uma nova potência mundial. Qual?	X		
		- Os pólos do desenvolvimento económico			2. Leitura e interpretação do documento “A Guerra do Golfo”	Q. Observem a imagem que acompanha o documento. De que forma é visível a superioridade económica da América? Q. O que pretendia os EUA? Q. Eles queriam dominar que zona do Mundo?	X		

					<p>3. Leitura e interpretação do documento “A política de Ronald Reagan”</p>	<p>Q. Porque ajudou os EUA o Koweit? Q. Teriam boas intenções?</p> <p>Q. Quais as dificuldades da 1ª fase do mandado de Reagan? Q. Descontentamento provocado porque? Q. O que propôs Reagan fazer? Q. Qual foi a grande guerra que nesta época os EUA manteve e foram derrotados? Q. Seguiu-se outra guerra. Qual? Q. Todas estas guerras levavam a que?</p>	X		
					<p>4. Leitura e interpretação do documento “O poder militar norte-americano”</p>	<p>Q. Como é agora o Mundo? Q. Onde se manifestou a intervenção americana? Q. O que temos aqui? Que tipo de intervenção? Q. O que se pretende com essas intervenções? Q. Que tipo de armamento foram feitas estas intervenções? Q. Em nome de que a América entreviu nestes países. Que justificação utilizou os EUA?</p>	X		

Nota: Q – Questão colocada pelo professor

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 11 Turma: D**

Disciplina: Geografia Unidade Didáctica/Temática: A Diversidade dos Modos de Transporte e a Desigualdade Espacial das Redes

Nº Alunos: 9 Data: 21 Abril 2010

	Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador
		Temáticos	Procedimentais	Atitudinais					
Sequências	Sala Normal	- A distribuição espacial das redes de transporte; - A rede ferroviária nacional	- Expressão oral e escrita; -Leitura e interpretação de textos - Análise de dados geográficos - Análise de documentos geográficos (mapa)	- Atenção; - Interesse; - Empenho; - Iniciativa; - Autonomia	1. Elo de ligação	Q. O que abordamos na última aula? R. Rede rodoviária nacional. Q. A nossa rede rodoviária está inscrita num plano. Que plano é esse? R. PRODAC. Q. Quais os principais objectivos do PRODAC? R. Ligar Portugal aos grandes eixos rodoviários e ferroviários da Europa. R. Diminuir os custos dos transportes. R. Modernizar a rede rodoviária e ferroviária.	X		
					2. Leitura e análise do documento “Novas Vias vão ter protagonistas”	Q. O que vai suceder com as SCUT? R. Vão ter portagens Q. Onde se localizam essas SCUT? R. No litoral Q. Terá algum fundamento esta escolha de colocar portagens? R. Não. Q. Porquê? R. Assim as pessoas não viajam tanto. R. O interior perde visitantes. Q. O que se fala muito são mesmo as auto-estradas do interior, principalmente a de Trás-os-Montes	X		

					<p>que quase não existe. Sabem qual o primeiro troço a ser inaugurado no Distrito de Bragança? R. A24</p> <p>Q. Quantos kilometros de auto-estrada foram inaugurados? R. 30Km</p> <p>Q. A ligação é feita em que localizações? R. Vai ligar Viseu, Vila Real e Chaves.</p> <p>Q. Esta auto-estrada não vai pagar portagens. Então como e designada? R. SCUT</p> <p>Q. Qual foi o custo da auto-estrada? R. 700 milhões de euros</p>	X	
				<p>3. Leitura e análise do documento “Sócrates diz que a abertura do troço A24 coloca Trás-os-Montes na era das auto-estradas.”</p> <p>4. Leitura e interpretação do texto “Importância do aparecimento dos comboios</p>	<p>Q. Sabes quando foi inaugurado o 1º caminho de ferros em Portugal? R. 1856</p> <p>Q. Qual a velocidade máxima que pode atingir actualmente o nosso comboio? R. 220Km/h</p> <p>Q. Que alterações trouxe para Portugal a introdução do caminho-de-ferro? R. Alterações demográficas.</p> <p>Q. Em que sentido? R. Permitiu a deslocação da população para outros locais e até povoar locais com pouca população.</p> <p>Q. Que zonas foram mais</p>		X

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 7 Turma: C**

Disciplina: Geografia Unidade Didáctica/Temática: Clima e Formações Vegetais

Nº Alunos: 15 Data: 26 Abril 2010

Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador		
	Temáticos	Procedimentais	Atitudinais							
Sequências	Espaço: Grupos: 4 grupos e 4 alunos	- Clima e Formações Vegetais:	- Expressão oral e escrita;	- Atenção;	1. Elo de ligação					
		- Os climas quentes:	- Construção de esquemas;	- Interesse;						
		- Principais formações vegetais e produções agrícolas dos climas quentes.	- Análise e interpretação de documentos geográficos (planisférios);	- Empenho;						
			- Análise e interpretação de imagens;	- Iniciativa;						
			- Análise e interpretação de paisagens;	- Organização;	Q. Na última aula vimos um globo terrestre projectado em power point. O que representava o globo? R. As zonas climáticas. Q. Que zona climática estudamos? R. Zona climática quente. Q. O que delimita a zona climática quente? R. O trópico de Câncer e o trópico de Capricórnio. Q. Depois de analisarmos esse globo o que vimos no documentário da BBC? Que climas estavam representados no documentário? R. Clima Equatorial. R. Clima Desértico. Q. Quais as características do clima equatorial? R. Temperatura constante. R. Precipitação abundante. R. Vegetação alta, densa. Q. No deserto viram árvores altas? R. Não. Q. Então como era esse clima? R. Temperaturas muito altas. R. Pouca precipitação. R. Pouca vegetação.	- Criatividade;				X
			- Interpretação de gráficos termopluviométricos;	- Dinâmica;						
				- Cooperação;						
				- Solidariedade;						

				- Respeito; - Responsabilidade; - Curiosidade; - Civismo; - Autonomia; - Rigor;					
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Nota: Q – Questão colocada pelo professor

Nota: R – Resposta do aluno

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 12 Turma: D**

Disciplina: História Unidade Didáctica/Temática: O fim do sistema internacional da Guerra Fria e a persistência da dicotomia Norte-Sul

Nº Alunos: 19 Data: 26 Abril 2010

	Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador
		Temáticos	Procedimentais	Atitudinais					
Sequências	Sala Normal	<p>- O fim do sistema internacional da Guerra Fria e a persistência da dicotomia Norte-Sul</p> <p>- O aprofundamento da integração da europeia</p>	<p>- Expressão oral e escrita;</p> <p>-Leitura e interpretação de textos</p> <p>- Análise de mapas</p> <p>- Construção de esquemas</p>	<p>- Atenção;</p> <p>- Interesse;</p> <p>- Empenho;</p> <p>- Iniciativa;</p> <p>- Autonomia</p>	1. Elo de ligação	<p>Q. No seguimento da última aula proponho-vos uma provocação. “Será que a UE é um lugar de paz e prosperidade”?</p> <p>Q. Se é um lugar de paz, desde quando e onde?</p> <p>Q. A UE é filha de outra organização que nasceu na década de 50. Qual?</p> <p>Q. Em que data?</p> <p>Q. Nasceu de um tratado. Qual?</p> <p>Q. Nasceu depois de um período conturbado. Qual?</p>	X		
					2. Análise de um mapa da União Europeia	<p>Q. O mapa não está actualizado. Porque?</p> <p>Q. Que países entraram?</p> <p>Q. Quando entraram?</p> <p>Q. Que tratado permitiu a entrada desses países na UE?</p>	X		
					3. Construção de um esquema no quadro	<p>Q. Qual a grande dificuldade da União Europeia?</p> <p>Q. Em 1992 realizou o Tratado de Maastricht. Quais os pilares principais deste tratado?</p> <p>Q. Para além do tratado de</p>	X		

					<p>4. Leitura e interpretação do documento “A ratificação da Constituição Europeia”</p>	<p>Maastricht, com o alargamento da U.E. que outros tratados foram realizados? Q. Qual as preocupações do Tratado de Amesterdão? Q. Que países entraram com o Tratado de Nice em 2001? Q. Que países estão actualmente em negociações para a entrada na U.E.?</p> <p>Q. O que é um referendo? Q. O que se está a pensar questionar no referendo de 2004? Q. Porque houve necessidade de questionar o povo se deveria mudar a Constituição?</p>	X		
--	--	--	--	--	---	---	---	--	--

Nota: Q – Questão colocada pelo professor

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 11 Turma: D**

Disciplina: Geografia Unidade Didáctica/Temática: A Diversidade dos Modos de Transporte e a Desigualdade Espacial das Redes

Nº Alunos: 9 Data: 28 Abril 2010

	Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador
		Temáticos	Procedimentais	Atitudinais					
Sequências	Sala Normal	- A distribuição espacial das redes de transporte; - A rede nacional de aeroportos	- Expressão oral e escrita; -Leitura e interpretação de textos (noticias) - Análise de documentos geográficos (mapa)	- Atenção; - Interesse; - Empenho; - Iniciativa; - Autonomia	1. Elo de ligação	Q. Quais os principais portos do país? R. Lisboa, Leixões, Setúbal e Sines Q. Falamos em especial do porto de Lisboa. Porquê? Que razões nos levaram a falar deste porto? R. Porque é um porto com um grande movimento de mercadorias R. Devido ao tipo de embarcações que lá acostam. Q. Que tipo de barco acostam neste porto? R. Barcos de transporte de contentores R. Navios de cruzeiro Q. Falamos também do porto de Sines. Que características apresenta este porto que o distingue dos outros? R. Tem terminais petrolíferos, petroquímico, multipurpose e de carga geral e ainda dois novos terminais o de gás natural e o de contentores.			
					2. Leitura e análise da notícia: “Estação do Barreiro quase	Q. Porque havia poucas pessoas na estação do Barreiro? R. Porque era um dia de greve nos transportes Q. Com base nesta notícia, que tipo		X	

					<p>vazia em cenário típico de Domingo”</p> <p>3. Leitura e análise da notícia “Transportes/Grev e: Especialistas em mobilidade consideram que impactos são «inferiores» ao previsto</p> <p>4. Leitura e interpretação da notícia “Greve dos transportes: Ministro apela ao «bom senso» e à «reflexão»</p> <p>5. Análise de um</p>	<p>de transporte fez greve? R. Transporte intermodal Q. Qual a vantagem do transporte intermodal? R. Redução dos custos económicos R. Segurança R. Redução da poluição, de energia</p> <p>Q. Quem são os especialistas em mobilidade? R. José Manuel Viegas R. Fernando Nunes da Silva Q. Porque consideravam estes especialistas que os impactos da greve foram inferiores ao previsto? R. Porque as pessoas encontraram soluções, Q. Que soluções encontraram os alunos dos dois especialistas? R. Vieram à boleia ou encontram outras alternativas</p> <p>Q. Que ministro apela ao bom senso e à reflexão? R. Ministro da Presidência Q. Quais foram os motivos que levaram os trabalhadores à greve? R. Pedem aumentos salariais Q. Quais os problemas que a greve causou? R. Causou problemas na mobilidade da população</p>	<p>X</p> <p>X</p> <p>X</p>		
--	--	--	--	--	---	--	----------------------------	--	--

					<p>mapa com a distribuição dos aeroportos portugueses.</p>	<p>Q. Quais os principais aeroportos do espaço português? R. Aeroporto de Lisboa R. Aeroporto de Faro R. Aeroporto Francisco Sá Carneiro</p> <p>Q. Porque é que as ilhas têm todas um aeroporto? R. Facilita a deslocação das pessoas R. Deslocação mais rápida</p> <p>Q. Qual a importância do aeroporto para o interior do país? R. As pessoas deslocam-se mais rapidamente para outros locais R. Permite a deslocação de turistas a esses locais</p>	X		
--	--	--	--	--	--	---	---	--	--

Nota: Q – Questão colocada pelo professor

Nota: R – Resposta do aluno

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 7 Turma: C**

Disciplina: Geografia Unidade Didáctica/Temática: Clima e Formações Vegetais

Nº Alunos: 15 Data: 3 Maio 2010

Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador	
	Temáticos	Procedimentais	Atitudinais						
Sequências	Espaço	<p>Clima e Formações Vegetais:</p> <p>- Os climas temperados:</p> <p>- Principais formações vegetais e produções agrícolas dos climas temperados.</p>	<p>- Expressão oral e escrita;</p> <p>- Análise e interpretação de documentos geográficos (planisférios);</p> <p>- Análise e interpretação de imagens;</p> <p>- Análise e interpretação de paisagens;</p> <p>- Interpretação de gráficos termopluviométricos;</p>	<p>- Atenção;</p> <p>- Interesse;</p> <p>- Empenho;</p> <p>- Iniciativa;</p> <p>- Organização;</p> <p>- Criatividade;</p> <p>- Dinâmica;</p> <p>- Cooperação;</p> <p>- Solidariedade;</p>	<p>1. Elo de ligação</p> <p>2. Análise e interpretação de um globo terrestre representando as zonas climáticas.</p>	<p>Q. Nestas duas últimas aulas temos vindo a estudar que zona climática?</p> <p>R. Zona climática quente.</p> <p>Q. O que delimita a zona climática quente?</p> <p>R. Trópico de câncer e trópico de Capricórnio.</p> <p>Q. Dentro da zona climática quente que climas temos?</p> <p>R. Clima equatorial</p> <p>R. Clima tropical seco</p> <p>R. Clima tropical húmido</p> <p>R. Clima tropical de monção</p> <p>R. Clima desértico</p> <p>Q. Segundo a latitude, que climas estão nas latitudes mas baixas e nas latitudes mais elevadas?</p> <p>R. Equatorial, tropical húmido, tropical seco, tropical de monção e desértico.</p> <p>Q. Que zona climática vamos analisar na aula de hoje?</p> <p>R. Zona climática temperada.</p> <p>Q. O que delimita essa zona climática?</p> <p>R. Os trópicos e os círculos polares.</p>	X		

				- Respeito; - Respon- sabilidade; - Curiosi- dade; - Autono- mia; - Rigor;					
--	--	--	--	---	--	--	--	--	--

Nota: Q – Questão colocada pelo professor

Nota: R – Resposta do aluno

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 11 Turma: D**

Disciplina: Geografia Unidade Didáctica/Temática: A Revolução das Telecomunicações e o seu Impacto nas Relações Interterritoriais

Nº Alunos: 9 Data: 5 Maio 2010

	Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador
		Temáticos	Procedimentais	Atitudinais					
Sequências	Sala Normal	- A distribuição espacial das redes de comunicação	- Expressão oral e escrita;	- Atenção;	1. Elo de ligação	<p>Q. Na última aula estivemso a falar sobre o que? R. Sobre a distribuição das redes de transportes</p> <p>Q. Na aula de hoje vamos falar das telecomunicações. O que entende por telecomunicações? R. São aparelhos que nos permitem comunicar com outras pessoas à distância.</p> <p>Q. Qual a importância das telecomunicações para a sociedade? R. A informação passa mais rápido e em tempo real.</p>	X		
			- Leitura e interpretação de textos	- Interesse;					
- Leitura e análise de gráficos	- Empenho;								
				- Iniciativa;					
				- Autonomia					

						<p>no espaço ibérico americano? R. Permite o desenvolvimento económico e social das regiões Q. Porque? Porque são importantes para o desenvolvimento social das regiões? R. Porque aumenta a competitividade das empresas Q. De que forma? R. Porque se tem um negocio aqui e no Brasil não é necessário deslocar-se sempre lá, é possível fazer uma videoconferência e resolver o problema aqui. Q. Que outras situações pode gerar as telecomunicações? R. Reforça a sustentabilidade económica. Q. O que se entende por esse reforço de sustentabilidade económica? R. Permite suportar as despesas económicas que se têm. Q. Que vectores tem de existir na sociedade para que ele possa ser considerado desenvolvido? R. Económico. Q. Em que nos baseamos para dizer que Portugal é desenvolvido? R. Dados estatísticos Q. Em que dados estão assentes esses dados estatísticos para dizer que uma sociedade é desenvolvida? R. PIB Q. Mais. Que outros serviços permitem dizer que a sociedade é desenvolvida? R. Electricidade R. Agua canalizada R. Transportes R. Serviços, como os transportes R. Escolas Q. Que progressos podemos considerar nas telecomunicações?</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>R. Telefone R. Telemóvel R. Internet R. Computador R. Correio electrónico R. Fax</p>			
				<p>3. Leitura e interpretação de um documento intitulado “Satélite lançado em Outubro”</p>	<p>Q. Que tipo de informação vai fornecer estes satélites? R. Meteorologia R. Climatologia Q. Qual o sistema de satélites que usamos nas telecomunicações? R. GPS</p>	X		
				<p>4. Leitura e interpretação do texto “Fases da concepção do programa Galileo</p>	<p>Q. Quantas fases são consideradas na implementação do programa? R. Quatro Q. A 1ª fase qual é? R. Implementação das componentes principais do objecto Q. E a 2ª fase? R. Testes as diferentes componentes arquitectónicas do sistema Q. A 3ª fase qual é? R. Fabrico e lançamento dos satélites e na instalação das estações e dos equipamentos em terra Q. E a última fase? R. Fase operacional com inicio previsto em 2008 Q. Qual a importância dos satélites? R. Reforçar a segurança em grande medida R. Melhorar a fluidez dos fluxos de tráfegos R. Reduzir os danos ambientais</p>	X		

					<p>5. Leitura e interpretação de um gráfico sobre a evolução do investimento total no sector das telecomunicações em Portugal</p>	<p>Q. Que representa o gráfico? R. Evolução do investimento total no sector das telecomunicações no nosso país</p> <p>Q. O que tem ocorrido? R. O investimento tem diminuído</p> <p>Q. Em que período? R. 2000-2006</p> <p>Q. Qual foi o investimento em 2000? R. 2213</p> <p>Q. E em 2006? R. 982</p>	X		
--	--	--	--	--	---	---	---	--	--

Nota: Q – Questão colocada pelo professor

Nota: R – Resposta do aluno

Escola Secundária Inês de Castro **Ano: 8 Turma: A**

Disciplina: História Unidade Didáctica/Temática: A Civilização Industrial no Século XIX.

Nº Alunos: 26 Data: 6 Maio 2010

	Espaço	Conteúdos			Momentos Didáticos	Episódio	Episódio Indutor	Episódio Mediador	Episódio Adaptador
		Temáticos	Procedimentais	Atitudinais					
Sequências	Sala Normal	- A revolução demográfica:	- Expressão oral e escrita	- Atenção	1. Elo de ligação	Q. Na última aula vimos algumas invenções técnicas. Quais? R. Lâmpada R. Telegrafo R. Bicicleta R. Telefone R. Motor de explosão	X		
		- O crescimento da população urbana e a emigração	- Leitura e interpretação de documentos históricos	- Comunicabilidade		Q. Quais os novos meios de energia? R. Petróleo R. Eléctrico			
		- Modificações do quotidiano	- Leitura e interpretação de um gráfico	- Empenho		Q. Quais as indústrias que se desenvolveram? R. Química R. Aço Alumínio			
		- Sociedade e mentalidades burguesas	- Análise de uma planta	- Interesse		Q. O que trouxe isso para os transportes? R. Transportes mais resistentes R. Mais rápidos			
			- Análise de várias imagens			Q. O que ocorreu para termos uma revolução dos transportes? R. Os transportes tornaram-se mais baratos, mais rápidos e mais acessíveis			
						Q. O que ocorreu com as vias de comunicação? R. Melhoraram R. A rede tornou-se maior			
					2. Análise de um filme elaborado pelo professor	Q. Quais os avanços na medicina? R. Vacina R. Medicamentos			

					<p>sobre os progressos científicos</p> <p>3. Leitura e interpretação de um texto com o título “<i>aumento da população</i>” acompanhado da análise de um gráfico</p>	<p>Q. Na indústria química o que apareceu? R. Desinfetante R. Sabão e sabonetes</p> <p>Na agricultura que mudou na produção? R. Aumentou</p> <p>Q. O que permitiu esse aumento? R. Introduziu-se novas culturas</p> <p>Q. Quais? R. Batata R. Arroz</p> <p>Q. O texto refere-se a que época? R. 1750-1820</p> <p>Q. O que aconteceu à população agrícola? R. Aumentou</p> <p>Q. O que sucedeu com a população? R. Ficaram mais resistentes às doenças R. Estão mais bem alimentados</p> <p>Q. Porque estão agora mais bem alimentados? R. Porque já tinham mais variedade de alimentos</p> <p>Q. Porque é que isso é importante? R. Porque há mais variedade de minerais e vitaminas.</p> <p>Q. Houve outra inovação que permitiu o aumento da população? Qual? R. Aparecimento das vacinas e dos sabonetes</p> <p>Q. Que permitiram o que? R. Reduzir a mortalidade infantil</p> <p>Q. Só veio reduzir a mortalidade infantil? R. Permitiu também aumentar a esperança média de vida.</p> <p>Q. Se a população aumentou o que</p>	X			X
--	--	--	--	--	--	---	---	--	--	---

					segunda metade do século XIX	<p>R- Devido ao desenvolvimento do comércio</p> <p>Q. A burguesia com o seu crescimento imitou que classe social?</p> <p>R. Nobreza</p> <p>Q. Mas não conseguiu. Porque?</p> <p>R. Não tinha sangue azul. A sociedade era dividida em ordens</p> <p>Q. Que corrente filosófica veio por em causa a divisão da sociedade em ordens?</p> <p>R. Iluminismo</p> <p>Isto permitiu a separação de poderes e a igualdade de todos perante a lei. Que classe se vai destacar?</p> <p>R. Burguesia</p>	X		
--	--	--	--	--	------------------------------	---	---	--	--

Nota: Q – Questão colocada pelo professor

Nota: R – Resposta do aluno